

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

**A MISSIOLOGIA A PARTIR DA REVELAÇÃO BÍBLICA E A
FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS**

ORIENTANDO: SILAS BRUNO FERREIRA DOS SANTOS
ORIENTADOR: PROF. PE. JOSÉ LUIZ DA SILVA

GOIÂNIA
2021

SILAS BRUNO FERREIRA DOS SANTOS

**A MISSIOLOGIA A PARTIR DA REVELAÇÃO BÍBLICA E A
FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Pe. José Luiz da Silva.

GOIÂNIA

2021

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostaram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-se deles, falou: “Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”

(Mt 28, 16-20).

RESUMO

A preparação e a formação de discípulos-missionários é uma realidade cada vez mais desafiadora, principalmente diante do cenário atual da sociedade. Em um mundo desfragmentado, a formação deve contemplar a totalidade da pessoa humana, levando a cada cristão a redescobrir sua vocação batismal à santidade e força transformadora do testemunho e do anúncio. Assim, o presente trabalho apresentou uma reflexão missiológica, a partir da Revelação Bíblica, pautada nas Fontes da Teologia sobre a formação de discípulos-missionários, propondo um caminho formativo a partir da redescoberta do querigma, sendo o ponto fundamental para o encontro com Jesus e para o discipulado. Fundamentada na Trindade, a missão é apresentada nos textos bíblicos como a manifestação de Deus, que conduz a história do seu Povo e caminha com ele, por meio de seus enviados. Do mesmo modo que o Filho foi enviado pelo Pai, a Igreja também é enviada como continuadora da missão de Cristo, anunciando a Boa Nova e levando a todos os homens a fazerem a experiência do encontro com o Mestre. O caminho de discipulado e, conseqüente o caminho formativo, nasce do encontro com a Pessoa de Jesus, que chama e envia a cada um que, por meio do Batismo, adere à fé Nele. Com isto, conclui-se que o caminho de formação do discípulo-missionário deve partir sempre do anúncio querigmático e o encontro com Jesus, levando o cristão a se configurar ao Mestre, sendo formado e se tornando formador de novos discípulos dentro da comunidade.

Palavras – Chave: Discípulos, Missionários, Igreja, Missão, Formação, Querigma.

RÉSUMÉ

La préparation et la formation des disciples missionnaires est une réalité de plus en plus difficile, surtout à la lumière de la situation actuelle de la société. Dans un monde brisé, la formation doit contempler la totalité de la personne humaine, amenant chaque chrétien à redécouvrir sa vocation baptismale à la sainteté et la puissance transformatrice du témoignage et de l'annonce. Ainsi, le présent ouvrage a présenté une réflexion missiologique, à partir de la Révélation biblique, basée sur les Sources théologiques sur la formation des disciples missionnaires, proposant un chemin de formation basé sur la redécouverte du kérygme, étant le point fondamental pour la rencontre avec Jésus et pour le discipulat. Fondée sur la Trinité, la mission est présentée dans les textes bibliques comme la manifestation de Dieu, qui guide l'histoire de son Peuple et chemine avec lui, à travers ses envoyés. De la même manière que le Fils a été envoyé par le Père, l'Église est aussi envoyée comme continuatrice de la mission du Christ, annonçant la Bonne Nouvelle et amenant tous les hommes à vivre la rencontre avec le Maître. Le chemin du discipulat, et par conséquent le chemin de la formation, naît de la rencontre avec la Personne de Jésus, qui appelle et envoie tous ceux qui, par le Baptême, adhèrent à la foi en Lui. Avec cela, il est conclu que le chemin de formation du disciple-missionnaire doit toujours partir de l'annonce kérygmaticque et de la rencontre avec Jésus, amenant le chrétien à se configurer au Maître, en se formant et en devenant formateur de nouveaux disciples au sein de la communauté.

Mots – Clés: Disciples, Missionnaires, Église, Mission, Formation, Kérygme.

SIGLAS

AG – Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja.

C.E.C. – *Catéchisme de l'Église Catholique*: Catecismo da Igreja Católica (conforme edição típica francesa).

CELAM – Conferência Episcopal Latino-Americana.

CfL – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DeV – Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja.

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Doc. 107 – Documento 107 da CNBB.

Doc. 40 – Documento 40 da CNBB.

DP – Documento de Puebla.

DSD – Documento de Santo Domingo.

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina.

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual

EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo.

GE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual.

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo de Hoje.

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja.

MaI – Carta Apostólica *Maximum Illud*, sobre a Atividade Missionária desenvolvida pelos Missionários no Mundo.

OPM – Obras Pontifícias Missionárias – Portugal.

RM – Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho.

RMi – Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário.

Sub. 04 – Subsídio Doutrinal 04 da CNBB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS BIBLÍCOS DA MISSÃO.....	11
1. A Missiologia Bíblica.....	11
2. A Missiologia Veterotestamentária.....	13
2.1. Ponto de Partida – <i>Saliah</i>	14
2.2. A Missão como ideal de Eleição.....	15
3. A Missiologia Neotestamentária	19
3.1. A Missiologia dos Evangelhos Sinóticos	21
3.2. A Missiologia Joanina.....	27
3.3. A Missiologia Paulina e nos demais Escritos Bíblicos	28
CAPÍTULO II: IGREJA E MISSÃO.....	31
1. Fundamento Trinitário da Missão da Igreja	31
1.1. Missão do Pai e do Filho.....	33
1.2. Missão do Espírito Santo	37
2. Da Missão de Cristo à Missão da Igreja.....	40
2.1. Missão e Comunhão.....	43
2.2. A Natureza Missionária da Igreja.....	46
2.3. Maria: missionária de Cristo e da Igreja	48
CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO-MISSIONÁRIO	52
1. Um Olhar para a Realidade	52
1.1. A Inculturação do Evangelho	54
2. Uma Redescoberta Vocacional-Querigmática.....	56
2.1 Um Caminho a Percorrer	60
3. Formar Discípulos-Missionários	64
3.1. Uma Espiritualidade Missionária	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

INTRODUÇÃO

A Missão é uma realidade que esteve sempre presente na vida da Igreja, a qual ela sempre buscou fomentar e aprofundar. Iniciada no seio da Trindade, a missão comunica a Obra Redentora de Cristo à pessoa humana, através do anúncio querigmático, levando todos ao conhecimento do Amor de Deus. Ao longo dos séculos, várias foram as pessoas que, através do testemunho de vida e da palavra, ajudaram a Igreja a se aprofundar e a compreender o seu papel de continuadora da Missão de Cristo.

A sociedade atual se mostra cada dia mais fragilizada e fragmentada, devido às inúmeras situações que aparecem no cotidiano: ideologias, o individualismo, o racionalismo e a supervalorização da ciência, os ataques à dignidade humana, a fragmentação do homem. Diante destas realidades, a pessoa humana se encontra cada vez mais afastada de Deus e mergulhada em um vazio existencial. Esta realidade desafia a prática missionária de comunicar a Obra Redentora de Cristo, exigindo uma reflexão sempre nova sobre a Missão. Isto requer que a Igreja sempre busque meios para a renovação de sua ação missionária, correspondendo aos anseios e desejos da sociedade hodierna, dando respostas plausíveis aos seus questionamentos.

Olhando para o cenário atual da sociedade, principalmente após as mudanças ocasionadas pela pandemia da Covid-19, a Igreja precisou redescobrir novos meios de continuar sua missão evangelizadora. Pensando nisto, o presente trabalho busca, usando das fontes da Teologia (Sagrada Escritura, Magistério e Tradição), propor uma reflexão missiológica, partindo dos fundamentos da Missão no Antigo e Novo Testamento, sobre a formação dos discípulos-missionários, redescobrimo o caminho querigmático como meio formativo, capaz de auxiliar não apenas na formação, mas também no processo de evangelização.

O caminho formativo é algo fundamental na vida de qualquer pessoa e na vida do discípulo-missionário não seria diferente. O próprio Jesus, em vários momentos dos Evangelhos, oferece aos discípulos um caminho pedagógico a seguir, para poderem aprender e crescer com o Mestre. Na América Latina, desde o Concílio Vaticano II e depois as Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, os Bispos começaram a demonstrar uma forte preocupação com a missão da Igreja e a Evangelização, principalmente em relação aos mais pobres da sociedade. A Conferência de Aparecida, ocorrida no ano de 2007, reforçou os anseios das conferências anteriores, além de convidar todos a percorrer o caminho formativo através da redescoberta do anúncio querigmático.

Os Bispos de todo o mundo, em particular da América Latina tem buscado refletir sobre como formar os seus missionários na escola do discipulado. O Documento de Aparecida, fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, dedicou o sexto capítulo da segunda parte à formação dos discípulos-missionários. A partir deste documento, muitos foram os escritos e reflexões sobre o tema, principalmente pela Igreja do Brasil. O mais recente, lançado em 2017, após a Quinquagésima Quinta Assembleia Geral da CNBB, se trata do Documento 107 da CNBB, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para a formação de discípulos missionários.

Com o intuito de contribuir no desenvolvimento da temática missionária na Igreja, este trabalho tem relevância para aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre a Missão da Igreja, bem como ajudar os que querem trilhar um caminho de formação missionária, com bases querigmáticas. Por isso busca realizar uma reflexão missiológica, a partir da Revelação Bíblica, pautada nas Fontes da Teologia sobre a formação de discípulos-missionários, propondo, desta forma, um caminho formativo a partir da redescoberta do querigma, sendo o ponto fundamental para o encontro com Jesus e para o discipulado.

Assim, tendo como ponto de partida, o método teológico indutivo-dedutivo, através de pesquisas bibliográficas e de algumas experiências missionárias feitas pelo acadêmico, o presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro versa sobre a fundamentação bíblica da missão. Logo de início se chama a atenção do leitor a não correr o risco de cair em um reducionismo e as más compreensões, que a relação entre missão e Sagrada Escritura pode ocasionar, devido ao contexto romantizado em que elas se encontram. Em seguida, apresenta a missiologia veterotestamentária, partindo dos principais verbos que expressam esta realidade. Na segunda parte deste capítulo, se apresenta a missão a partir do Novo Testamento, onde Jesus é apresentado como o Missionário do Pai, o Enviado que envia seus Discípulos e a Igreja a evangelizar.

No segundo capítulo, se faz uma abordagem dogmática sobre a missão, mostrando sua origem no seio da Trindade e a missão específica de cada Pessoa. Fazendo uma experiência pneumática, a Igreja é apresentada como continuadora da Missão do Filho, sempre assistida e auxiliada pelo Espírito Santo. A missão é compreendida a partir da revelação de Deus e da sua história com a humanidade, apresentando a missão como mistério de comunhão. Comunhão com a Trindade que chama a cada um, a estar em plena união com Ela, vivendo de sua Vida. Por fim, apresenta a natureza missionária da Igreja, que deriva da própria essência de Deus que é amor, dando Maria, não apenas como modelo e figura da Igreja, mas também como modelo e fonte de inspiração missionária.

O terceiro capítulo, no que lhe concerne, trata-se sobre a formação do discípulo-missionário. Olhando sempre para a realidade que o cerca, o discípulo-missionário é aquele capaz de semear o Evangelho nas diversas culturas e circunstâncias da vida, atualizando os mistérios centrais da fé cristã. Para tal, se faz necessário redescoberta vocacional de todo cristão, partindo sempre da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo e do anúncio do querigma. Trilhar o caminho da redescoberta batismal, principal vocação cristã, é necessário, pois o cristão vive em um mundo marcado pelo descompromisso. Resgatar o verdadeiro significado do Batismo, e reaver a identidade cristã e missionariedade da Igreja, sendo expressão do chamado universal a santidade. É a santidade, gerada pela ação santificante do Espírito na vida de todo batizado, que se transforma em missão e testemunhando, levando o cristão a se configurar a Cristo Mestre.

Tendo a formação como finalidade levar o discípulo a conforma a sua vida com a do Mestre, este processo se apresenta como um caminho que todo cristão deve percorrer. O caminho do Mestre é rumo a Jerusalém, rumo à Cruz, e o mesmo que trilham aqueles que se dispõem a segui-Lo. Assim, toda a formação cristã, deve conduzir ao discipulado e a missão, duas faces de uma mesma realidade, que só será possível quando se compreender a importância do primeiro anúncio, para aqueles que ainda não fizeram a experiência com Jesus Cristo, e para aqueles que já se encontram na Igreja e assim renovar o encontro com Jesus a cada dia.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS BIBLÍCOS DA MISSÃO

1. A Missiologia Bíblica

Fundamentada no Amor Fontal do Pai, a missão se origina a partir do movimento *ad intra* e *ad extra* da Trindade, onde o Pai envia o Filho e o Espírito Santo para comunicar o seu amor aos homens, revelando a paternidade divina, que faz de todos seus filhos. Recorrendo às Sagradas Escrituras, Antigo e Novo Testamento, se percebe uma continuidade no tema da missão. O Deus Criador, que chamou os Patriarcas, os Reis, os Profetas a um trabalho específico, envia o seu Filho ao mundo, comunicando a sua eleição e salvação universal. O Filho chama para si discípulos, formando-os e os enviando para anunciar o seu Evangelho.

Sendo um tema pertinente da vida eclesial e da vivência cristã, para a melhor compreensão da missão e suas implicações, se faz mister uma fundamentação bíblica. Os cristãos sempre buscam a Sagrada Escritura como carta magna para fundamentar a sua atividade missionária. Nos textos da Sagrada Escritura encontramos os fundamentos para a missão universal da Igreja.

Os escritos da Sagrada Escritura, convidam o leitor a entrar na leitura contemplativa dos textos, pois se trata da Palavra de Deus. Palavra, esta que continuamente busca entrar na vida do leitor, dando-lhe toda força do Espírito Santo para poder realizar o plano salvífico de Deus. Segundo Juan Esquerda Bifet, esta contemplação leva a compreensão da missão como meio de expressão dos planos salvíficos de Deus¹. Por isso, ao embasar a ação missionaria na Sagrada Escritura, alerta Robert J. Schreiter, não se pode conduzir tal investigação a partir de motivações pessoais, motivações práticas e apoloéticas, ou mesmo, buscando esquemas de ação missionária. Tudo isto, leva a uma compreensão míope dos textos bíblicos².

“Além de conhecer as circunstâncias históricas e culturais do texto sagrado, é preciso se acostumar a entrar na ressonância que a Escritura teve nos Santos Padres e nos diferentes documentos eclesiais. “Inculturação” envolve principalmente entrar na Palavra de Deus como foi revelada para o bem de todos a humanidade”³.

¹ Cf. BIFET, Juan Esquerda. *Misionología: Evangelizar en un mundo global*. Serie de Manuales de Teología. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2008, p. 48.

² Cf. SCHREITER, J. Robert *in* SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo, Paulinas, 1987, p. 5-6.

³ “Además de conocer las circunstancias históricas y culturales del texto sagrado, es necesario habituarse a entrar en la ressonância que la Escritura ha tenido en los Santos Padres y en los diferentes documentos eclesiales. «Inculturarse» supone principalmente entrar en la Palabra de Dios tal como ha sido revelada para bien de toda la humanidad”. BIFET, 2008, p. 48.

À medida que se entra na leitura contemplativa da palavra, se nota uma harmonização do seu conteúdo com a história pessoal e eclesial, fazendo com que a missão se torne sempre esta mudança contínua da própria vida pessoal e comunitária.

Mergulhar na Escritura para relê-la em uma dimensão missionária, não é nada mais do que ser surpreendido pelos planos salvíficos de Deus, que é Pai de todos. Sem esta abertura universalista, a Palavra de Deus deixa de ser de Deus, para se tornar uma interpretação personalista com vernizes “religiosos” (que, por vezes, são subjetivistas e até pode se tornar fundamentalista)⁴.

A Sagrada Escritura, fornece algumas perspectivas sobre a questão universalista da missão, que não é apenas uma preocupação acadêmica/teológica, mas que repercute na vida pastoral da Igreja. A questão da missão universal, que aparece apenas nos escritos neotestamentários, encontra suas raízes no Antigo Testamento, onde Deus chama, convoca e constitui o seu povo escolhido, os impulsionando a ir além dos limites da Terra Prometida. Donald Senior e Carroll Stuhlmueller⁵, partindo de um discurso de K. Rahner em abril de 1979, afirmam que a missão de Jesus foi realizada em Israel e para Israel e que, a comunidade apostólica, formada por judeus, sofreu grandes transformações que levaram a expansão missionária da Igreja primitiva, resultando na sua abertura missionária, trazendo gentios convertidos.

É certo que apenas alguns teólogos se debruçaram sobre a relação existente entre Missão e Sagradas Escrituras, especialmente em tempos antigos. O motivo para isto, segundo Senior e Stuhlmueller é a conotação que o termo missão traz para muitos. “Para alguns, “missão” evoca imagens de fazer apaixonados e, muitas vezes, insensíveis prosélitos. E mesmo para os que possam ter noção mais sofisticada de missão, pode haver hesitação a respeito desta dimensão da vida da Igreja”⁶. Completando este pensamento, Juan Esquerda Bifet afirma que refletir teologicamente a missão é refletir o próprio mistério de Cristo, para poder anunciá-lo a todos os povos. É estudar a própria missão de Cristo prolongada na Igreja, com suas diversas peculiaridades, seus desafios, objetivos, dimensões e agentes⁷. Assim, a missão vai muito além

⁴ “Adentrarse en la Escritura para releerla en dimensión misionera, no es más que dejarse sorprender por los planes salvíficos de Dios que es Padre de todos. Sin esta apertura universalista, la Palabra de Dios deja de ser de Dios, para convertirse en una interpretación personalista con barnices «religiosos» (que, a veces, es subjetivista e incluso puede llegar a ser fundamentalista)”. BIFET, 2008, p. 48.

⁵ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER *apud* RAHNER, K. 1987, p. 7 – 8.

⁶ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1978, p. 10.

⁷ “La reflexión teológica sobre la misión («misionología») estudia el misterio de Cristo para poder anunciarlo a todos los pueblos. Estudia la misma misión de Cristo prolongada en la Iglesia, señalando la peculiaridad de la misión, sus dimensiones, sus agentes, sus objetivos, su metodología, etc. Aunque la

do que a simples propaganda e o proselitismo, mas é o modo de significar o chamado de Deus e transmiti-lo, partilhando da própria experiência com Deus.

Como meio de evitar o reducionismo e má compreensão dos textos bíblicos, deve-se considerar os escritos veterotestamentários em sua totalidade, com um valor próprio e uma função determinada em relação aos escritos neotestamentários⁸. Senior e Stuhlmüller⁹, mostram que os textos bíblicos, estão repletos da luta do povo de Deus para se manter fiel à aliança, descobrindo sua identidade de Povo escolhido em novos tempos e lugares, fazendo da missão um tema intrínseco à Bíblia. Fundamentar a missão na Sagrada Escritura é, conforme Bradanini, uma tomada de consciência da Igreja, que ela é *congregatio fidelium*, o lugar onde todos, indistintamente, encontram e acolhem o Evangelho que salva¹⁰.

2. A Missiologia Veterotestamentária

Nos escritos do Antigo Testamento, não encontramos uma árdua atividade missionária, mas já nos é fornecido alguns elementos significativos para a missão, tais como: a Soberania Universal de Deus; a interação de Israel com o outros povos; a projeção da história, como sendo um único Povo Escolhido. Porém, estes elementos não conjugaram uma ação missionária ativa, apresentando a missão através de pessoas concretas, enviadas por Deus para um serviço específico. Entre estas personalidades podemos citar Abraão, Moisés, os Juízes, os Profetas e outras que nos são apresentadas.

Iahweh disse a Abrão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engradecerei o teu nome; sê uma benção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 12, 1-3)¹¹.

Iahweh disse: “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuzeus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas”. Então disse

realidad de la acción misionera de la Iglesia es permanente, el estudio teológico y sistemático sobre la misión comienza al final del siglo xix y principios del siglo xx”. BIFET, 2008, p. 54.

⁸ Cf. BRADANINI, S. *Fundamentos Bíblicos da Missão*. Curso Básico de Missiologia. 2017, p. 2. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2021.

⁹ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1987, p. 11.

¹⁰ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 1.

¹¹ *BÍBLIA DE JERUSALÉM*, 8ed., Paulus, São Paulo, 2012.

Moisés a Deus: “Quem sou eu para ir ao Faraó e fazer sair do Egito os israelitas?” Deus disse: “Eu estarei contigo; e este será o sinal de que eu te envie: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha”. (Ex 3, 7-12).

Em seguida ouvi a voz do Senhor que dizia: “Quem hei de enviar? Quem irá por nós?”, ao que respondi: “Eis-me aqui, envia-me a mim”. Ele me disse: “Vai e dize a este povo: Podeis ouvir certamente, mas não entendereis; podeis ver certamente, mas não compreendereis” (Is 6, 8-9).

A partir destes trechos do Antigo testamento, vemos que Deus chama e envia, seja para uma ação específica, como Abraão que deixa sua terra para ser pai de uma grande nação, Moisés que é enviado para libertar Israel da escravidão do Egito, ou para o anúncio da mensagem divina por meio dos oráculos proferidos pelos profetas. Embora Deus chame pessoas diferentes e as envia para missões diferentes, há sempre um ponto em comum, que salta aos olhos do leitor: a disponibilidade, tanto no acolhimento da missão, quanto no partir para a missão.

No Antigo Testamento percebe-se que o tema da missão está envolvido por uma esfera escatológica-profética, onde os textos, como do Servo Sofredor (cf. Is 42, 6s; 49, 5s), a missão dos Profetas enviados por Deus (cf. Is 61,1s), o Mensageiro que prepara os caminhos para o Senhor e o Novo Elias (cf. Ml 3, 1s) e outros textos, caminham para o seu cumprimento total no Novo Testamento, através da pessoa de Jesus Cristo¹².

2.1. Ponto de Partida - *Saliah*

No texto veterotestamentário não se encontra o termo missão, propriamente como é entendido hoje, mas para poder expressar esta realidade se recorre ao termo enviar/mandar (*saliah*) que, dentro do contexto religioso, se refere a pessoa enviada por Deus, com uma tarefa específica a realizar. O ato de enviar (*saliah*) está profundamente ligado a Palavra (*dabar*) e a ação do Espírito (*ruah*). Com isto, Deus assegura sua presença e proteção na vida do enviado, que anuncia a sua ação salvadora e garante a transmissão da sua mensagem, exigindo, por parte do enviado, a sua obediência e serviço.

Para poder cumprir sua missão (*saliah*) (cf. Jr 1,7) e anunciar a Palavra (*dabar*) (cf. Ez 3, 10-11), os enviados recebem a força do Espírito (*ruah*) (cf. Gn 2, 7; Eclo 48, 12). Assim, os enviados podem falar em nome de Deus e com sua força. Ao receberem uma missão, os profetas a executavam com a força e o auxílio do Espírito, que os faziam falar, julgar, salvar, sendo uma

¹² Cf. *VOCABULAIRE DE THÉOLOGIE BIBLIQUE*. 5ed., Les Éditions du Cerf, Paris, 1981, lexical: Mission.

prolongação Daquela que os enviou, manifestando a presença salvífica de Deus que abarca o mundo inteiro.

Ao enviar, seja seus servos, como Abraão, Moisés, seja os profetas, Deus manifesta sua solicitude para com o povo, que nem sempre a aceita. Desde a saída da escravidão do Egito até a Aliança no Sinai, o povo não obedece à voz de Deus (Cf. Ex 13, 17 – 24, 18; Jr 7, 21-28) e sempre que cai no esquecimento da aliança, Deus envia profetas para que o povo se lembre do compromisso feito. Assim, os profetas desempenham a sua missão, sendo portadores e anunciadores da Palavra de Deus em uma situação específica, mas sempre no contexto da Aliança.

Os profetas do Antigo Testamento constituem um referencial permanente do ser enviado e do ser missionário. É certo que, como apresenta José Comblin, os profetas de Israel não correspondem ao começo absoluto do profetismo, pois esta já existia no Oriente Próximo¹³. Cada profeta é escolhido por Deus, que o cumula de toda autoridade e o envia para cumprir a sua missão, comunicando-lhe “qual será a mensagem que terá de comunicar e quais serão os gestos ou os atos significativos que serão parte da sua mensagem. (...) O profeta é profeta quando cumpre a sua missão”¹⁴.

A missão do profeta, segundo o teólogo indiano Michael Amaladoss, se apresenta no contexto da aliança. “Deus revelou-se na história de um povo e este respondeu através de um engajamento de fé e de obediência. Estabeleceu-se uma relação pessoal entre os dois. Depois o povo esqueceu o pacto e desviou-se. O profeta vem lembrar-lhe sua aliança com Deus”¹⁵. Enraizado historicamente, ele é enviado em uma situação de pecado, chamando o povo à conversão e a construção de um novo futuro, alicerçado na promessa de Deus. Com isto, convida ao aprofundamento da relação com Deus.

2.2. A Missão como ideal de Eleição

Nos escritos veterotestamentário, não se encontra nenhum programa missionário significativo para a conversão dos não-judeus. Em um primeiro momento, devido ao movimento centrípeto do povo de Israel, originado pelo patriarcado e fortalecido pelas leis

¹³ Cf. COMBLIN, J. *A Profecia na Igreja*. São Paulo, Ed. Paulus, 2008, p. 31 – 32.

¹⁴ COMBLIN, J. 2008, p. 34.

¹⁵ AMALADOSS, M. *A missão como Profecia in V.V.A.A. Desafios da Missão*. São Paulo, Coleção Estudos Missionários. Editora Mundo e Missão, 1995, p. 14.

mosaicas, ele se afastou dos povos circunjacentes, centrando-se no ideal único do Povo Eleito¹⁶. O argumento fundamental, que articula o separatismo de Israel se encontra no período que antecede a revelação no Monte Sinai:

Então Moisés subiu a Deus. E da montanha Iahweh o chamou, e lhe disse: “Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos israelitas: ‘Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águias e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa.’ Estas são as palavras que dirás aos israelitas” (Ex 19, 3-6).

Estas ideias apresentadas no livro do Êxodo se repetem no livro do Deuteronômio, com declarações fortes e aval para a guerra santa contra os povos provindos da gentilidade¹⁷. O capítulo 7 é o que mais expressa o amor do Senhor para com o seu povo, o convocando para o *herem*, a guerra santa.

Quando Iahweh teu Deus te houver introduzido na terra em que estás entrando para possuí-la, e expulsado as nações mais numerosas do que tu – os heteus, os gergeseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, - sete nações mais numerosas e poderosas do que tu; quando Iahweh teu Deus entregá-las a ti, tu as derrotarás e as sacrificarás como anátema. Não farás aliança com elas e não as tratarás com piedade. (...) Pois tu és um povo consagrado a Iahweh teu Deus; foi a ti que Iahweh teu Deus escolheu para que pertences a ele como seu povo próprio, dentre todos os povos que existem na face da terra. (Dt 7, 1-2.6.)

Em quase todo o Antigo Testamento, Israel é considerado o povo eleito, escolhido por Deus, e todas as outras nações são consideradas não-escolhidos, deixando o impulso centrípeto bastante evidente. Embora, na sua origem, Israel não estava separada dos outros povos, como apresenta a genealogia de Gn 10, no capítulo 11 do mesmo livro se nota a presença de Taré, pai de Abraão (cf. Gn 11, 26). A partir deste momento, Israel, que não se diferenciava dos povos gentios, começa a ganhar um aspecto místico e sobrenatural. Acerca disto, Senior e Stuhlmüller citando Gerhard Von Rad, fazem a seguinte observação:

(...) a ação salvadora que começou em Israel estava despojada de todo caráter mitológico por meio da inserção no “quadro das nações” (Gn 10). A história bíblica antiga, a qual tem como culminância o mundo das nações, confere a Israel o mesmo status criatural que confere às nações, e exclui qualquer primazia atribuída a seus tempos primitivos. A sua futura experiência de Deus será no domínio da história secular e, na verdade, segundo Gn 10 *no domínio da história secular universal*¹⁸.

¹⁶ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 17.

¹⁷ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1987, p. 18.

¹⁸ SENIOR, D.; STUHLMUELLER *apud* GERHARD VON RAD, 1987, p. 19 – 20.

Com isso, chega à humanidade o sinal de salvação universal que deve vir por meio do povo de Israel, fazendo com que as nações contribuíssem, com algum aspecto positivo, para a compreensão de Israel sobre a vontade de Deus. Isto se dá, pois “o que Israel aprende e experimenta sobre Iahweh ocorre exclusivamente dentro do domínio da História”¹⁹. O movimento e os acontecimentos históricos do povo escolhido se tornam um símbolo de salvação universal, uma vez que transmite uma mensagem compreensível a todos os povos e em todos os tempos.

O desejo de Deus pela salvação universal de todos os povos é atestado pelas Sagradas Escrituras. Os escritos do Antigo Testamento confirmam esta realidade, oferecendo a graça de Deus, que quis se comunicar, anunciando uma esperança messiânica, cujo depositário primeiro é o povo de Israel, erguido como um sinal para as nações dos quatro cantos da terra (cf. Is 11, 12). Esta salvação foi prometida aos patriarcas, se tornando um patrimônio de toda a humanidade. A promessa messiânica do Salvador, apresentada no protoevangelho (cf. Gn 3, 15), é uma antecipação da ação salvadora de Cristo. A promessa da salvação universal é ratificada no pós-dilúvio com Noé (cf. Gn 9) e toma corpo com a pessoa de Abraão e seus descendentes²⁰.

Taré tomou seu filho Abrão, seu neto Ló, filho de Arã, e sua nora Sarai, a mulher de Abrão. Ele os fez sair de Ur dos caldeus para ir à terra de Canaã, mas, chegados a Harã, aí se estabeleceram. A duração da vida de Taré foi de duzentos e cinco anos, depois ele morreu em Harã. Iahweh disse a Abrão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engradecerei o teu nome; sê uma benção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 11, 31-32. 12, 1-3).

A partir deste trecho, se percebe que o “primeiro judeu” era um pagão, originário do sul da Mesopotâmia, “escolhido do meio do pecado universal das nações”²¹. A história do patriarca Abraão é colocada, dentro do esquema do Pentateuco, imediatamente após o episódio da Torre de Babel (cf. Gn 11, 1-9). Dentro o esquema de construção/desconstrução, apresentado por Babel, a dispersão do múltiplo encontra sua contraposição no Único, representado por Abraão. Certo que as famílias das nações formam um todo, Deus busca abençoar este todo através do Único, instaurando o ideal de Eleição.

¹⁹ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1987, p. 20

²⁰ Cf. BIFET, 2008, p. 23.

²¹ P. BEAUCHAMP *apud* COUTO, A. *Fundamentação bíblica da missão in Actas do Simpósio sobre a Missionação*. Lisboa, Ed. OMP, 2004, p. 23.

O povo vive e experimenta esta eleição a partir de personalidades históricas, que são de suma importância para a história, constituição e formação da identidade de Israel como Nação, guiados pela providência divina. Por meio da experiência da dor, onde Deus parece estar ausente, o povo reconhece a eleição como um dom gratuito de Deus, que revela sua misericórdia aberta a toda a humanidade.

O termo eleição, em hebraico *bâhar*, dentro da tradição de Israel, ganhou grande importância, a ponto de que nenhum outro sinônimo possa substituí-lo. De suas inúmeras ocorrências, duas características se destacam. A primeira se apresenta como uma escolha cuidadosa, ocasionada por uma real necessidade, se tratando de uma escolha consciente, após ter examinado alguns critérios. A segunda característica implica uma finalidade ou missão específica. Quando a pessoa é escolhida, desempenha uma função em relação ao grupo²². A eleição, neste caso, indica não apenas uma relação de intimidade entre o eleito e aquele que elege, mas a missão que deve cumprir diante dos povos e nações circunjacentes.

A abertura salvífica, em contexto universal, começa aparecendo paulatinamente no seio de Israel, principalmente com o Profeta Isaias (cf. Is 40-55): “Sim, ele disse: “Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurar todas as tribos de Jacó e reconduzir os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como Luz das Nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra” (Is 49, 6). Com isto, “o horizonte da eleição de Israel são os povos do mundo, em relação aos quais, como um todo, o Israel ‘individual’ foi escolhido”²³.

O ideal de eleição é concebido como sendo “um só” ou “alguns”, mas nunca “o todo”, colocando o eleito face ao universal. “Esta oposição é requerida pelo conceito de eleição, que implica a escolha de “um só” ou de “alguns” para estabelecer o “bendito conflito” com a totalidade”²⁴. A ideia de eleição não se encontra de modo periférico dentro dos textos veterotestamentários, mas se acha entrelaçado dentro da história, da geografia, da cultura e da religião de Israel. Deus não elege anjos, mas pessoas humanas, com características e culturas próprias e, do mesmo modo como modelou o homem e a mulher do barro da terra (cf. Gn 2, 4b-25), ao eger Israel, o modelou em uma região específica da terra²⁵.

A pessoa do eleito se torna figura de bênção, sendo abençoado sem condições, enquanto as outras pessoas são abençoadas sob a condição de abençoar o eleito: “abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoam” (Gn 12, 3). Daí, entende-se que dentro do

²² Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1987, p. 129 – 130.

²³ SENIOR, D.; STUHLMUELLER H. *apud* SEEBASS, 1987, p. 130.

²⁴ COUTO, A. 2004, p. 23.

²⁵ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, 1987, p. 115.

projeto de salvação, Deus opta por refazer o episódio do fratricídio de Caim (cf. Gn 4, 1-16) “concedendo outra vez, sem qualquer justificação, a sua bênção a um eleito, instaurando assim uma nova separação, quem sabe, fonte outra vez de inveja, violência e morte”²⁶. Deste modo, fica evidente a não opção de Deus por uma solução e intervenção rápida para a salvação do homem e o seu desejo de, através de eleição, salvar o homem com a ajuda do próprio homem. Eleição, bênção e salvação se convertem em sinônimos de uma única realidade, encarnada na pessoa do eleito pelo qual, “serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 12, 3).

Nos tempos mosaicos, a eleição ganha um caráter sponsal, uma aliança de amor entre Deus e o Povo de Israel, se apresentando como “uma propriedade peculiar entre todos os povos” (Ex 19, 5). Em todos os momentos de eleição se mostra a presença do amor divino, que escuta a voz do seu povo e responde com generosidade, mesmo que este sempre recaia na infidelidade. A eleição sempre está em ligação direta com a pertença e a posse da terra prometida, demandando do povo eleito uma atitude de humildade e fidelidade a Deus, para poder usufruir e compartilhar os dons recebidos.

Com a Aliança, pacto de amor entre Deus e o mundo existente desde a criação, se concretiza o ideal da salvação universal. Continuamente renovada por Abraão (cf. Gn 15, 18) e Moisés (Ex 19-24), o Povo de Israel vai centrando suas esperanças na figura de Davi, prefiguração do Messias esperado (2Sm 7, 1-17; Sl 89 (88), 4-5).

3. A Missiologia Neotestamentária

Ao revisar os escritos veterotestamentários, nota-se que a temática da missão não se encontra ausente. O povo de Israel surge do meio das Nações como testemunha da Soberania e da Eleição de Deus, para o qual, todos os povos pagãos deveriam voltar o olhar e reconhecer o Deus Verdadeiro que se revela através deles. Com isto, Israel se apresenta como mediador entre Deus e os Povos. Por meio de Israel, Deus oferece aos povos a sua Palavra e a sua Lei. Nos escritos neotestamentários, a missão surge como um novo capítulo da História da Salvação, desempenhado pela Igreja, a partir do testemunho do Antigo Testamento, se recordando sempre que é Deus quem convoca e reúne o seu povo.

O cristianismo sempre fundamentou a missão na *missio Dei*, ou seja, na iniciativa gratuita de Deus Trino para salvar o homem, o chamando novamente para uma vida de comunhão com

²⁶ COUTO, A. 2004, p. 24.

seu criador. Esta fundamentação trinitária não se trata de uma criação cristã, mas uma herança judaica²⁷. Sem a revelação de Jesus como Filho, não se poderia falar de Deus como Pai, que o envia para dar um pleno cumprimento à Lei e aos Profetas (cf. Mt 5, 17).

Senior e Stuhlmüller²⁸, mostram que o judaísmo nunca viveu a experiência de uma missão entre os gentios, apesar de os judeus da diáspora serem mais familiarizados com a cultura greco-romana e assumirem uma posição mais favorável aos gentios. Alguns destes judeus procuravam convencer os gentios a abraçarem a fé judaica, fazendo parte dos prosélitos, atitude esta que encontra reprovação no Evangelho de Mateus: “Aí de vós, escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, mas, quando conseguis conquistá-lo, vós o tornais duas vezes mais digno da geena do que vós!” (Mt 23, 15).

Visto que, a Aliança feita entre Deus e Israel nunca foi abolida, Suess afirma que Israel sempre fez parte do anúncio querigmático missionário da Igreja, de sua liturgia e teologia²⁹. Isto mostra que, mesmo considerando uma possível ruptura entre a missão no Antigo Testamento com a missão no Novo Testamento, acontece o contrário. Entre Antigo e Novo Testamento, como apresenta Suess³⁰, nota-se uma corrente de continuidade no que se refere à missão, pois, afirma Senior e Stuhlmüller, “o que anteriormente fora intuições proféticas do favor de Deus para com as nações e a presença no meio delas, iria se tornar, então preocupação explícita e predominante das comunidades do Novo Testamento”³¹.

Nos escritos neotestamentários, em particular os evangelho, Jesus é apresentado como o Messias, o Verbo Encarnado, o Filho de Deus (cf. Mt 16,16; Mc 8, 29; Lc 9, 21; Jo 8, 69), enviado para salvar os homens. Ao ser enviado, assevera Coppi, “ele funda sua autoridade de ‘revelador’, sua consciência de ‘apóstolo’, partícipe da mesma obra do Pai, ‘epifania’ de Deus”³². Todo o conjunto neotestamentário apresenta a ação missionária de Cristo e da Igreja como obra de evangelização.

A Igreja primitiva sempre se apresentou como sendo uma Igreja missionário e, embora o termo missão não apareça nos relatos bíblicos, seu campo semântico se faz presente na atividade e na reflexão missionária dos apóstolos e dos discípulos. No Novo Testamento, os aspectos veterotestamentários de *saliah*, *dabar* e *ruah* se fazem presente em um sentido mais profundo,

²⁷ Cf. SUESS, P.. *Introdução à Teologia da Missão: Convocar e Enviar: Servos e Testemunhas do Reino*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2007, p. 22.

²⁸ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 189.

²⁹ Cf. SUESS, P. 2007, p. 23.

³⁰ Cf. SUESS, P. 2007, p. 24.

³¹ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 190.

³² COPPI, P. *Por uma Igreja toda Missionária: Breve curso de Missiologia*. São Paulo, Ed. Paulus, 1994, p. 24.

pois remetem a pessoa de Cristo, Filho de Deus encarnado que, por sua morte e ressurreição, salva a humanidade, comunicando uma nova vida e a força do Espírito Santo. Como apresenta Panazzolo³³, o termo enviar, nos escritos neotestamentários, é apresentado diversos verbos, dos quais, os mais recorrentes são *apostello* e *pempo*, que possuem sentido análogo, sendo complementares. “No primeiro, o sentido cai sobre o enviado que recebe uma missão: é o apóstolo. No segundo, refere-se à pessoa que envia: “Como o Pai me enviou (*apostello*), também eu vos envio (*pempo*)” (Jo 20,21)”³⁴.

Estes verbos exprimem a ação do envio e não o conteúdo da missão confiada. O enviado realiza um serviço ao Reino de Deus, com a força recebida do próprio Deus, pois o envio possui um objetivo concreto salvífico. O envio está sempre em relação com a mensagem, mas não é o conteúdo da mensagem. O conteúdo é expresso por outros verbos e vocábulos, como anunciar, pregar, evangelizar. O termo evangelizar (*euangelizoma*) é apresentado pelo Novo Testamento como o anúncio de uma Boa Nova. Se trata de um anunciar (*angelo*) com grande alegria (*eu*) que Jesus é o Salvador esperado. Assim, o apóstolo é enviado para anunciar esta mensagem, ou seja, para evangelizar (cf. Lc 2, 10; 7, 22)³⁵. Dentro do Antigo Testamento, a evangelização se trata de um anúncio alegre da parte de Deus, sempre com um horizonte de esperança salvadora (cf. Is 52, 7-12). Já no Novo Testamento, a mensagem anunciada faz referência direta à Pessoa de Jesus Cristo, fonte da alegria salvadora (cf. Mt 11, 5; Lc 1, 19; 2, 10; 4, 43). Segundo Bradanini³⁶ o conjunto neotestamentário não apresenta um olhar uniforme acerca do tema da missão, oferecendo vários modelos e teologias da missão, segundo a perspectiva de cada um.

3.1. A Missiologia dos Evangelhos Sinóticos

Na missiologia de Marcos, as perseguições e os sofrimentos de Jesus serão também às dos seus discípulos, pois pensando e agindo segundo a vontade de Deus, avisa aos seus que irão sofrer com perseguições.

Jesus declarou: “Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa e por causa do Evangelho, que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguições; e, no mundo futuro, a vida eterna. Muito dos primeiros serão últimos, e os últimos serão primeiros” (Mc 10, 20-31).

³³ Cf. PANAZZOLO, J. 2019, p. 12.

³⁴ PANAZZOLO, J. 2019, p. 12 – 13.

³⁵ Cf. BIFET, 2008, p. 67 – 68.

³⁶ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 6.

Na obra marcana, o caráter narrativo adotado pelo evangelista, apresenta a pessoa de Jesus e a sua mensagem com um dinamismo próprio que permite uma relação de comunicação, envolvendo o convite e a resposta. De acordo com Hugo Martínez, três temas ocupam o lugar central: o primeiro diz respeito a identidade do próprio Jesus e, ao lado deste, o segundo tema ligado diretamente ao discipulado e o terceiro tema ligado ao caminho. Quanto ao primeiro tema, vale ressaltar que o autor não está interessado em apenas mostrar os feitos de Jesus, mas também sua identidade, procurando mostrar a comunidade quem é Jesus³⁷. “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1, 1). Esta introdução, que funciona como título da obra, deixa evidente que o Evangelho³⁸ é Jesus, a Boa Nova pela qual os discípulos deixam tudo para segui-lo.

A apresentação de Jesus como Filho de Deus, discorre Schnackenburg³⁹, é o centro do evangelho, que leva a compreensão da jubilosa fé pascal da Igreja primitiva. Em Cristo, o Evangelho teve o seu início e sempre será proclamado em todo o mundo. “Nesta perspectiva sua palavra e sua obra cá na terra adquirem o impacto de Revelação permanente e irredutível promessa escatológica”⁴⁰. Partindo desta mesma ideia, Martínez demonstra que o interesse do evangelista não é fazer uma biografia de Jesus, mas mostrar a comunidade quem é Jesus, ou seja, sua Identidade de Filho de Deus⁴¹. Vários textos escriturísticos aponta a identidade de Jesus, do qual, o mais significativo apresentado por Marcos, é o episódio do seu Batismo: “Tu és meu Filho amado” (Mc 1, 11).

Após apresentar a pessoa de Jesus, surge o segundo tema que é o do discipulado. Após chamar os primeiros discípulos (cf. Mc 1,16-20; 2, 13-14), Jesus os traz para perto de si, a fim de formá-los (cf. Mc 3, 13-19) e enviá-los em missão (Mc 6, 7-13) gerando entre eles uma comunhão de vida, que se torna clara e evidente ao longo de todo o Evangelho. Martínez deixa claro “a dificuldade que os próprios discípulos têm de compreender a identidade de Jesus”⁴².

³⁷ Cf. MARTÍNEZ A., Hugo O. *O Discipulado no Evangelho de Marcos*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005, p. 8.

³⁸ Εὐαγγέλιον: palavra de origem grega que significa boa nova. O Evangelho é o convite a conforma à fé em Jesus Cristo. tal convite acontece por meio da mensagem bíblica e possui força salvífica. No contexto bíblico, o conceito cristão de Evangelho se funda no Antigo Testamento, na boa nova e no mensageiro da alegria que faz irromper o tempo salvífico que se consumirá no futuro. (Cf. GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. Edições Vida Nova, 1983, p. 87; EICHER, Peter (dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo, Ed. Paulus, 1993, p. 283).

³⁹ Cf. SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos: primeira parte*. Tradução Frei Edmundo Binder, OFM. 2ed., Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1983, p. 18.

⁴⁰ SCHNACKENBURG, R. 1983, p. 18.

⁴¹ MARTÍNEZ A., Hugo. 2005, p. 8.

⁴² MARTÍNEZ A., Hugo. 2005, p. 9.

Para Marcos, o autêntico discípulo é definido com termos cristológicos, fazendo com que o discípulo se identifique com a pessoa de Jesus. A verdadeira identidade de Jesus é revelada no alto da cruz, fazendo com que o reconhecimento de Dele como Filho do Homem, que veio para doar sua vida em resgate de muitos (cf. Mc 10,45) seja o fundamento de uma fé autêntica⁴³.

A temática do caminho impregna todo o Evangelho de Marcos. “A ‘viagem’ é anunciada na citação de abertura de Isaías 40, 3 (Mc 1, 2-3), anunciando o ‘caminho do Senhor’. O ministério de João (Mc 1, 48) é o advento do ‘caminho’, e Jesus é a sua encarnação”⁴⁴. A própria frase inicial do livro, “princípio do Evangelho de Jesus Cristo” (Mc 1,1), busca adaptar-se ao contexto do caminho. Segundo Senior e Stuhlmüller, esta “abertura visa a caracterização de toda a narrativa de Marcos”⁴⁵.

A viagem de Jesus e seus discípulos para Jerusalém, bem como seu conteúdo e motivação, traz ao Evangelho um dinamismo missionário, onde a mensagem cristã se torna um caminho dinâmico da Palavra de Deus, capaz de transformar os corações. O caminho iniciado na Galileia, findado em Jerusalém com seu sofrimento e morte, é retomado novamente por Jesus e pelos seus no tempo pós-pascal: “Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia” (Mc 16,7). Ao reunir sua comunidade na Galileia, o Ressuscitado continua triunfante o caminho iniciado por ele mesmo. “O seu caminho desembocou no caminho deles... o caminho deles tornou-se o caminho de condição de discípulo”⁴⁶.

No Evangelho de Mateus, nota-se que a problemática em torno da missão universal da Igreja, se faz o centro de sua obra. Sua literatura está muito próxima à literatura judaica da época, explicando o uso frequente de recursos literários próprios do judaísmo e a insistência em apresentar citações do Antigo Testamento como meio de ressaltar o cumprimento das profecias. A primeira e última expressão do escrito mateano, não foram escolhidas por acaso: “Livro da origem de Jesus Cristo” (Mt 1, 1); “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28, 20). Estes termos, origem (início) e consumação (fim), de acordo com Fonseca, não são apenas opostos entre si, mas abarca a totalidade da história da salvação⁴⁷.

Bebendo da mesma fonte marcana para a construção do seu Evangelho, Mateus alarga a narrativa de Marcos e mantém aspectos básicos de sua teologia da missão. Do mesmo que Marcos, Mateus apresenta o ministério de Jesus sob a ótica do reino de Deus ou reino dos

⁴³ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 309.

⁴⁴ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 292.

⁴⁵ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 294.

⁴⁶ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. *apud* PESCH, R. 1987, p. 293.

⁴⁷ Cf. FONSECA, Adolfo M. Castaño. *Discipulado e Missão no Evangelho de Mateus*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005, p. 13.

Céus⁴⁸. A aproximação do reino de Deus é sempre um convite ao arrependimento e a conversão, sendo o fio condutor do ministério de Jesus. Segundo a teologia mateana, encontrar com o reino é encontrar com a pessoa de Jesus Cristo, proclamado pela pregação, pelo ensino e pelo ministério da comunidade. Assim, proclamar o Evangelho do Reino é proclamar a notícia que salva ou que condena, revelada em Jesus o Messias, o Filho de Deus, proclamada a Israel e às nações do mesmo no sentido de que, Nele, o governo de Deus se aproxima da humanidade⁴⁹.

A História da Salvação é um dos elementos decisivos para se compreender a missão nos escritos mateanos. Como apresenta Senior e Stuhlmüller, tradições religiosas são encaixadas de maneira ininterrupta em uma estrutura histórica: a herança judaica, o evento Jesus e a experiência da Igreja. Tal estrutura é munida de um sentido teológico salvífico, pois demonstra a ação contínua de Deus na história do povo⁵⁰.

Para Mateus, então, Jesus inaugura nova e decisiva etapa da história da salvação. A vida de Jesus, porém, não é homogênea. O que começou com suas origens humanas (caps. 1-2) e tomou impulso com o seu ministério público (caps. 3-4), atinge o seu impacto completo e expressão na sua morte e ressurreição. Aí está o evento Jesus por excelência e no seu fulcro é que o mundo gira⁵¹.

Na teologia da missão mateana, o discurso missionário de Jesus (9,36 – 10, 47) ganha grande destaque e importância. No discurso missionário, após ter compaixão do povo, que se apresentava como “ovelhas sem pastor” (9, 36), Jesus chama para si os discípulos, os constituindo apóstolos(10, 1-2), os enviando a proclamar o Evangelho e a curar os enfermos, como acontece com Ele, mostrando que o ideal do discípulo é ser como o mestre: “O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta que o discípulo se torne como o mestre e o servo como o seu senhor” (10, 24-25).

A implicação da sorte dos discípulos ser a mesma do mestre, apresenta Fonseca encontra seu significado no sofrimento posto em destaque com o axioma “tomar a cruz e seguir Jesus” (cf. 10, 38). Do mesmo modo como o Senhor irá passar pela paixão, seus seguidores são convidados a entrarem na dinâmica do Mestre, o acompanhando em seu sofrimento redentor, para poder participar de sua glorificação⁵². A partir destes elementos, Senior e Stuhlmüller

⁴⁸ Segundo Jaldemir Vitório, Reino de Deus e Reino dos Céus indicam uma única e mesma realidade teológica. Mateus, por estar escrevendo para uma comunidade judaica, respeita a sensibilidade do leitor, substituindo Reino de Deus por Reinos dos Céus, uma vez que segundo a fé judaica é proibido o uso do nome de Deus (Cf. VITÓRIO, Jaldemir. *Mateus*. Coleção A Bíblia Passo a Passo. São Paulo, Ed. Loyola, 1996, p. 24).

⁴⁹ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. *apud* KINGSBURY, 1987, p. 322.

⁵⁰ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 323-324.

⁵¹ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 326.

⁵² Cf. FONSECA, 2005, p. 37.

apresentam o conteúdo e o alcance da missão da comunidade como sendo os mesmos de Jesus, ou seja, o anúncio do Reino, a realização de curas e libertações. Somente o ensinar, que Mateus reserva para o encargo final (28, 20) visto que a totalidade dos ensinamentos e discursos de Jesus ainda não foram manifestados aos discípulos⁵³.

No encerramento do seu Evangelho (28, 16-20), Mateus sintetiza toda a sua teologia e, o fato de ser a missão o encargo final, demonstra o impulso dinâmico de todo o evangelho. “A passagem assume a forma de incumbência, recordativa das incumbências proféticas do Antigo Testamento”⁵⁴. O trecho “todo poder foi me dado no céu e na sobre a terra” (28, 18) há uma referência direta ao Profeta Daniel (Dn7, 14), onde Jesus é descrito, como apresenta Fonseca, “como o governante exaltado de todos os reinos do mundo”⁵⁵. Com o axioma “todas as nações” (28, 19) desaparece a proibição de tomar o caminho dos gentios (cf. 10, 5) dando um alcance universal para a missão.

A este respeito, Bradanini argumenta que, a missão universal “evoca o começo do evangelho onde a mesma perspectiva está presente em Jesus chamado “filho de Abraão” (1,1), na genealogia (1,3-6) onde há pessoas que não pertencem ao judaísmo, e nos Magos, pagãos que visitam o Messias (2,1-12)”⁵⁶. A última sentença do Evangelho, “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” é indicativo do caráter permanente da missão e da presença de Jesus no mundo através da pessoa do discípulo.

O Evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos, deixam clara a missão universal da Igreja na totalidade dos escritos neotestamentários. Ligando a vida de Jesus com a vida da comunidade primitiva, mostra a relação que há entre a missão de Jesus e a missão da Igreja⁵⁷. Lucas tem plena consciência de que a missão universal não se iniciou com Jesus, dado que seu ministério se limitou as regiões da Galiléia, da Samaria e da Judéia. A missão da Igreja, encontra sua fonte e inspiração na história e na missão de Jesus, estabelecendo uma relação entre a vida de Jesus com a vida da comunidade cristã primitiva.

Segundo Bradanini, no tocante a missão, Lucas privilegia alguns aspectos importantes como a dinamicidade do Espírito Santo, a centralidade do arrependimento e a remissão dos pecados, a Boa Nova para os Pobres e o encontro do evangelho com a cultura⁵⁸. A obra lucana assinala a iniciativa de Deus e o alcance universal da missão. No cântico de Zacarias (Lc 1, 67-

⁵³ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 342.

⁵⁴ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 343.

⁵⁵ FONSECA, 2005, p. 132.

⁵⁶ BRADANINI, S. 2017, p. 12.

⁵⁷ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 347.

⁵⁸ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 15.

79), mesmo que forma sutil, enfatiza a iniciativa de Deus em realizar sua promessa, enviando Jesus, para proclamar a Boa Nova da Libertação: “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, e suscitou-nos uma força de salvação” (1, 68-69). No cântico de Simeão (2, 29-32), a universalidade da missão de Cristo e da Igreja é posta em evidência, pois se trata da “luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel” (1, 32). No início da pregação de João Batista, a universalidade retoma com a citação do profeta Isaías, que afirma que “toda a carne verá a salvação de Deus” (Lc 3, 6; cf. Is 40, 3-5). Esta salvação, de acordo com Senior e Stuhlmüller, foi o que o velho Simeão reconheceu em Jesus, ao ser apresentado no Templo⁵⁹.

Com o discurso de Lc 4, 14-30, Jesus não apenas inicia o seu ministério público e sua missão, mas também apresenta um discurso programático. Bradanini afirma que por meio dele é possível reconhecer elementos importantíssimos para a missão, tais como: a iniciativa divina, o anúncio da Boa Nova aos Pobres, o ano da Graça do Senhor e a releitura das Escrituras⁶⁰.

O caminho que Jesus percorre para chegar em Jerusalém é de suma importância para a compreensão de sua teologia da missão. O caminho do discipulado segue o caminho do Mestre que é exemplo de discipulado fiel e generoso, respondendo a vontade do Pai. A subida para Jerusalém não apenas um mero dado histórico, mas um paradigma de para a vida cristã e para a missão apostólica⁶¹.

Porque “vai atrás de Jesus”, o qual faz a vontade salvífica do Pai, o discípulo faz “o caminho de Jesus”, o de sua vida e ministério a partir do batismo de João até o dia de seu “êxodo” desta vida e de seus sofrimentos para a ressurreição e para a glória (Lc 9,31; o *Evangelho*). Porque o discípulo também faz “o caminho da Igreja”, sai de Jerusalém para *testemunhar* a alegria de crer e viver o mistério pascal do Senhor que liberta o mundo do pecado e da submissão a Satanás (*Atos dos Apóstolos*)⁶².

Jerusalém se torna o ponto de chegada da história de Jesus e o ponto de partida da evangelização universal e, conseqüentemente, da missão universal da Igreja. Morte e Ressurreição de Jesus, são apresentados na obra lucana, como o ponto culminante da história de Jesus, fazendo com que ambos os eventos se tornem fonte da missão. Do encontro com o ressuscitado surge a missão e pregação como convite ao arrependimento, dando destaque a misericórdia divina.

⁵⁹ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 355.

⁶⁰ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 16.

⁶¹ Cf. RETAMALES, Santiago Silva. *Discípulos de Jesus e Discipulado segundo a obra de São Lucas*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005, p. 15.

⁶² RETAMELES, Santiago Silva. 2005, p. 16.

3.2. A Missiologia Joanina

No tocante ao Evangelho de João, Senior e Stuhlmüller chamam a atenção para as contribuições que este Evangelho deu para o Novo Testamento, através do estilo literário e do retrato de Jesus⁶³. Segundo Joseph Cahill, o centro conceitual do seu Evangelho se encontra no prólogo (Jo 1, 1-18), pois marca a entonação do restante do escrito, além irradiar todas as outras dimensões⁶⁴.

Com gênio poético, talvez sem paralelo na literatura do Novo Testamento, este hino ao Logos declara a origem, finalidade e proporções cósmicas da missão de Jesus da parte do Pai. Ele é a Palavra junto de Deus desde o princípio, e tão intimamente ligada a Deus e reveladora dele que a Palavra pode ser denominada “Deus” (1, 1-2). Esta Palavra reveladora inicia progressiva penetração da esfera humana. Toda realidade criada é feita nela e por meio dela⁶⁵.

Ao identificar Jesus como Palavra reveladora de Deus, João afirma a preexistência do Logos junto a Deus (cf. Jo 1, 1-2) e depois abraça a história humana se tornando carne. No Cristo encarnado, a pessoa encontra a glória de Deus e a alcança a vida eterna, destino final de toda a criação. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória (...) Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça” (Jo 1, 14. 16). A partir destas premissas se compreende a teologia joanina como sendo de caráter cósmico e universal.

Segundo Bradanini, está abertura universal é manifestada através de encontros com personagens distintos. Nicodemos (3, 1-21), ilustra os judeus que simpatizam com Jesus e não tem medo se exporem publicamente⁶⁶. A mulher samaritana (4, 1-42), povo irmão dos judeus, tidos como cismáticos e contaminados pelos pagãos, por onde Jesus passa e “derruba a barreira social, racial e religiosa e o encontro com a mulher samaritana, faz dela uma missionária”⁶⁷. Com o pagão, funcionário real (4, 46-54), onde Jesus promete dar a vida a todos que crerem, independentemente de serem judeus ou pagãos. No discurso do Bom Pastor (10, 1-21), Jesus fala de outras ovelhas que não estão no redil, as quais ele deve “conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho e um só pastor” (10, 16).

Todos os temas presentes no Evangelho de João visam apresentar a pessoa de Jesus. Nos escritos joaninos, é recorrente o uso do termo “enviado do Pai” (cf. Jo 1, 11; 5, 23.37ss; 7, 28),

⁶³ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 384.

⁶⁴ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. *apud* CAHILL, J. 1987, p. 388.

⁶⁵ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. 1987, p. 388.

⁶⁶ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 18.

⁶⁷ BRADANINI, S. 2017, p. 18.

apresentando a origem divina da missão. Jesus é enviado ao mundo com a missão de revelar o rosto de Deus, fazendo de sua missão um doar a própria vida pela salvação do mundo. A teologia da missão de João, bem como todos os temas de sua obra, encontra o seu significado e fundamento na cristologia, não apenas pelo fato desta ser universal com alcance cósmico, mas também devido a sua convicção sobre o significado cósmico do evento Cristo⁶⁸. Do mesmo modo como Jesus foi enviado pelo Pai, também os seus discípulos são enviados, tendo o evangelho como orientação para a missão a ser realizada. Para João, a missão da Igreja está profundamente enraizada na pessoa do Pai, que envia seu Filho e este envia a Igreja para dar continuidade ao projeto de amor do Pai para a humanidade.

3.3. A Missiologia Paulina e nos demais Escritos Bíblicos

Perguntar sobre a missão nos escritos paulinos, segundo Senior e Stuhlmüller, é uma tarefa difícil, não por ser sua teologia da missão complexa ou inexistente, mas, porque missão e vida cristã, para Paulo, são sinônimos⁶⁹. Nos escritos de Paulo, o ponto de partida é sempre o episódio de sua conversão (At 9, 1-19), pois é quando ele identifica a sua própria vocação missionária como experiência cristã inaugural. A este respeito Bradanini afirma que o acontecimento de Damasco (At 9;22;26; Gl 1,11-17; 1Cor 9,1-2; 15,8-10) é de suma importância para a compreensão missionária de Paulo⁷⁰.

Certo de ter sido, por Cristo, segregado para a evangelização dos pagãos, Paulo sente fortemente a responsabilidade de evangelizar: “*ai de mim se não evangelizar*”; já que “*anunciar o Evangelho não é um privilégio, mas uma obrigação que se impõem*” (1Cor 9, 16). Realiza para isto três viagens apostólicas. Enfrenta dificuldades e perigos de todo o tipo (2Cor 11, 23-29). E isso tudo “*pela causa do Evangelho*” – “*Fiz-me fraco com os fracos... fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos*” (1Cor 9, 22-23)⁷¹.

Sua teologia da missão se baseia na sua experiência e na convicção de que o Deus de Israel estava decidido a salvar toda a humanidade, por meio da pessoa de Cristo. Tal certeza surge da experiência religiosa feita no momento de sua conversão e na fé no ressuscitado, o fazendo mergulhar na natureza do Deus de Israel e no seu Cristo. Tendo uma nova visão de mundo, o motivador da teologia paulina não é uma construção abstrata do princípio universal,

⁶⁸ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 387.

⁶⁹ Cf. SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 217.

⁷⁰ Cf. BRADANINI, S. 2017, p. 6.

⁷¹ COPPI, P. 1994, p. 29.

mas soteriológico, onde Deus oferece, por meio da morte e ressurreição de Jesus, a salvação a todos.

Se apresentando como “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus” (Rm 1, 1) compreende que sua missão é universal, colocando Evangelho como centro de sua existência de sua atividade missionária (cf. Rm 1, 16ss). Uma vez que sua missão é fruto da iniciativa divina, se considera apóstolo entre os gentios, pois “não há distinção entre judeu e grego, pois ele é Senhor de todos, rico para todos os que o invocam” (Rm 10, 12; cf. Gl 3, 28). No texto da segunda carta aos Coríntios (5, 14-21) a missão é compreendida como ministério de reconciliação. Após realçar a importância da morte e ressurreição de Jesus para a salvação de todos, encontra profunda motivação na experiência do amor de Cristo que o impulsiona a pregar (cf. 2Cor 5,14-15). Assim, a missão se torna obra própria da reconciliação que leva o missionário ao encontro dos povos para uma reunião universal⁷².

Em relação aos demais livros do Novo Testamento, a problemática da missão é menos constante, porém a contribuição que trazem ao tema ainda é significativa. Mesmo que eles não façam referências diretas a missão universal da Igreja, fornecem aspectos valiosos para a compreensão da Igreja Primitiva e de sua responsabilidade para com o mundo.

A primeira carta de Pedro e o livro do Apocalipse requerem missão de testemunho heroico. Para João, o autor do Apocalipse, o testemunho constitui-se em confrontação profética (...) Para 1Pd, em contraste, testemunho significa participação ativa na sociedade como bom cidadão (...) O chamado ao testemunho subsiste em outras obras, tais como Tiago, Hebreus e as Pastorais. Entretanto, as preocupações destas cartas não estão orientadas para a missão. As Pastorais recordam a carreira missionária de Paulo, no entanto o seu sofrimento apostólico como também o seu zelo são utilizados como modelo para liderança fiel *dentro* da Igreja, em vez de como modelo para a responsabilidade da Igreja para com o mundo de fora⁷³.

No conjunto neotestamentário, se nota a relação existente entre a missão de Jesus e a missão da Igreja. O ministério de Jesus é de suma importância para a compreensão da missão no Novo Testamento, pois é em seus ensinamentos e ações que a Igreja baseará o seu modo de agir e de anunciar a Boa Nova do Evangelho. Sempre presente a universalidade da missão e da salvação comunicada por Cristo, a Igreja sempre buscou transmitir com fidelidade o que recebeu dos apóstolos. Apresentando uma Igreja sempre em estado de missão, vários são os agentes que participam deste ministério missionário, sendo o primeiro dentre eles a Pessoa do Espírito Santo. Ele se faz presente em cada cristão, o acompanhando e o enviando em missão,

⁷² Cf. COMBLIN, J. *Teologia da Missão*. 2ed., Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1983, p. 89.

⁷³ SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C., 1987, p. 437.

e nos gentios, destinatários do anúncio do Reino de Deus, preparando-lhes o coração para acolher a mensagem evangélica.

Portanto, a missão não é, e nem será, um tema periférico, tanto no Novo Testamento quando no Antigo Testamento. Se nos escritos veterotestamentários se vê a presença de uma dialética entre Israel e Deus e entre Israel e os povos pagãos, os levando a um fechamento, limitando a ação salvífica de Deus a um único povo eleito, com Jesus esta visão se rompe alcançando o mundo não-judaico. Nos escritos neotestamentários a salvação, e com ela a missão, ultrapassa os limites de um povo, ganhando proporção universal, podendo ser alcançada por todos os que professarem a fé no Cristo. Os escritos apresentam justamente o modo pelo qual as pessoas das primeiras comunidades cristãs transmitiram e viveram sua experiência de fé e de missão e a relação existente entre a pessoa de Jesus e a história de Israel.

CAPÍTULO II: IGREJA E MISSÃO

1. Fundamento Trinitário da Missão da Igreja

O mistério central da fé e da vida cristã é o da Santíssima Trindade, ou seja, o mistério de Deus em si mesmo, sendo fonte e origem de todos os mistérios da fé (cf. C.E.C. §234)⁷⁴. Quando se olha para os primeiros séculos do cristianismo, percebe-se que este mistério era vivido sem uma definição conceitual e dogmática. Contudo, esta falta de conceitos e dogmas não era visto como um problema, e os próprios escritos bíblicos mostraram a importância deste mistério no início da Igreja, uma vez que é por meio do Nome da Trindade que se entra para a comunidade dos fiéis cristãos. “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20).

Ao longo dos séculos, os padres da Igreja distinguiram entre a *theologia* e a *oikonomia*. O primeiro termo está ligado diretamente com o mistério da vida íntima da Trindade (cf. C.E.C. §236), ou seja, com o movimento *ad intra* existente dentro do seio da Trindade. Este movimento *ad intra* se caracteriza pelas processões ou relações existentes entre cada Pessoa da Trindade antes do tempo⁷⁵. O segundo termo, *oikonomia*, está relacionado com “as obras de Deus por meio das quais ele se revela e comunica a sua vida” (C.E.C. §236), portanto, diz respeito ao movimento *ad extra* da Trindade. Como Suess apresenta em sua obra, por meio do movimento *ad extra*, a Trindade se faz presente no tempo histórico, em particular, na plenitude dos tempos, onde Ela se volta para a humanidade, por um transbordar extratrinitário⁷⁶.

A partir do transbordar extratrinitário se tem a autorrevelação de Deus que cria, harmoniosamente, o mundo e o homem (cf. Gn 1, 1-31. 2, 4a). Quando o homem cai no pecado quebrando a harmonia primordial entre a criatura e seu Criador (cf. Gn 3, 1-24), Deus intervém na situação histórica da humanidade, através do seu plano de salvação. Assim, o Pai envia o Filho por meio do Espírito Santo, como primeiro missionário, para “reconciliar com ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1, 20). Com o envio do Filho, o Pai manifesta o seu amor misericordioso, que busca “reverter a desintegração da humanidade causada pelo pecado e, por conseguinte, para reintegrar a

⁷⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ed. São Paulo, Edições Loyola, 2009.

⁷⁵ Cf. SUESS, P. 2007, p. 52.

⁷⁶ Cf. SUESS, P. 2007, p. 52 – 54.

humanidade na vida plena que é o Reino”⁷⁷. Deste modo, por iniciativa do amor de Deus, se inicia a *missio Dei*⁷⁸.

A *missio Dei* consiste nesta ação incondicional de Deus para salvar a humanidade. Pode-se encontrar o objeto de sua ação e seu significado na afirmação de São João, “Deus é amor” (1Jo 4, 8.16). A manifestação deste amor de Deus para com os homens se deu, quando Ele “enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4, 9b). O amor de Deus é gratuito, caracterizado pelo transbordar, comunicar e relacionar. Buscando a face da criatura, desfigurada pelo pecado original, o amor de Deus possui, dentro da situação histórica, uma direção e intenção, descrita como plano da salvação. Assim, procura reintegrar a humanidade na vida de Deus, a partir de uma perspectiva histórica-escatológica.

O amor de Deus é um “amor fontal” (AG 2)⁷⁹, do qual o *Logos* é gerado pelo Pai, sendo consubstancial a Ele, e o *Pneuma*, que procede pela aspiração do Pai e do Filho. A comunicação intratrinitária, por meio de processões ou relações, configuram a Trindade Imanente. Ao transbordar desta relação interna, o amor fontal se desdobra na história da salvação, onde a Trindade Imanente se torna Trindade Econômica, configurando, assim, a *missio Dei*⁸⁰.

A *missio Dei* sempre aponta para esta presença de Deus no mundo, por meio do *Logos* e do *Pneuma*. Esta presença não indica um parcelamento de Deus, mas pelo contrário, tal realidade ajuda na compreensão do mistério de comunhão e de unidade existente entre as Pessoas Divinas, dado que “nas pessoas divinas de Jesus e do Espírito está sempre o Deus Uno e Trino, inteira e misteriosamente presente”⁸¹.

Esta presença de Deus no mundo, a partir da *missio Dei*, adquire o mesmo significado que manifestação, de se fazer visível⁸². Com o envio do Filho, *Logos*, esta manifestação da onipresença de Deus se dá de modo distinto do que é observado nos textos veterotestamentários. Se nestes textos, Deus se apresenta de forma ainda velada, com a Encarnação esta manifestação sensível se torna única e irrepetível. A partir disto se pode falar do Filho como o enviado do Pai, pois mesmo já estando presente no mundo, foi enviando visivelmente⁸³.

⁷⁷ SUESS, P., 2007, p. 51.

⁷⁸ O conceito *missio Dei* ou missão de Deus, tem sua articulação dentro do movimento ecumênico, onde foi sistematizado pela primeira vez, no Conselho Mundial das Igrejas, por George F. Vicedom (cf. SUESS, P. 2007, p. 50, nota 4).

⁷⁹ *Ad Gentes*: Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja in COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

⁸⁰ Cf. SUESS, P., 2007, p. 51.

⁸¹ SUESS, P., 2007, p. 53.

⁸² Cf. LADARIA, L. F. *O Deus Vivo e Verdadeiro*: o mistério da Trindade. 4ed. São Paulo, Edições Loyola, 2015, p. 245.

⁸³ Cf. LADARIA, L. F., 2015, p. 245.

Algo importante em relação a *missio Dei* é o fato que a missão das Pessoas Divinas diz respeito a sua origem. Santo Agostinho, em seu tratado sobre a Trindade, afirma que o Pai nunca é enviado. O Filho, por sua vez, não é enviado senão pelo Pai, e o Espírito Santo é enviado tanto pelo Pai, como pelo Filho⁸⁴. Sendo Deus Uno e Trino, a compreensão da *missio Dei* deve sempre partir do prisma trinitário, pois Deus não envia partes de Si, de forma isolada, mas Ele se faz presente, de forma integral, em cada uma das Pessoas, pois a ação de uma Pessoa da Trindade é a ação de todas as Pessoas.

1.1. Missão do Pai e do Filho

Sendo a fonte e a origem de todas as coisas, a missão do Pai consiste em criar e sustentar todas as coisas criadas: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1, 1); “Sim, tu amas tudo o que criastes, não te aborreces com nada do que fizeste; se alguma coisa tivesse odiado, não terias feitos. E como poderia subsistir alguma coisa, se não tivesse querido?” (Sb 11, 24-25a). Toda criação é fruto das mãos de Deus-Pai, que inicia uma história de amor com os homens. Uma vez que Ele não apenas cria, mas também sustenta a obra criada (cf. C.E.C. §301), o Pai entra na história concreta do homem, após o pecado original (cf. Gn 3, 1-24), pondo em prática o seu plano de salvação.

Toda a ação salvífica se encontra no Pai, Nele tem sua origem e se destina ao homem e a toda criação⁸⁵. O primeiro interessado nesta ação salvífica é o próprio Pai, pois não é de sua vontade que ninguém se perca (cf. Mt 18, 14). Assim Ele envia o Filho, como “mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2, 5), não para condenar o mundo, mas para poder salvá-lo (cf. Jo 3, 16-17). Por um ato de amor do Pai, o Filho é enviado por Ele para poder realizar sua obra redentora, resgatando o homem decaído pelo pecado. Assim, a missão encontra sua causa origem e seu fim no amor fontal do Pai, Princípio sem Princípio⁸⁶.

No amor fontal, que de certo modo explica a vida fecunda intratrinitária, se encontra, também, a explicação para o mistério criacional, sendo chave de compreensão para as missões por parte do Pai⁸⁷. “Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4, 9). Este amor do Pai que salva, encontra sua

⁸⁴ Cf. AGOSTINHO. *A Trindade*: Coleção Patrística Vol. VII. São Paulo, Ed. Paulus, 1995, p. 327.

⁸⁵ Cf. COPPI, P. 1994, p. 15.

⁸⁶ Cf. PANAZZOLO, J. 2019, p. 21.

⁸⁷ Cf. LOPEZ-GAY, J. *Dimensão Trinitária, Cristológica e Pneumatológica da Missão in OBRAS PONTIFÍCIAS MISSIONÁRIAS. Temas de Evangelização*: Curso de Missionologia – 1.º Ano. Braga, Portugal, Ed. OPM, 1979, p. 20 – 21.

manifestação através da missão que, procedendo do amor, foi e é iniciativa gratuita e universal. A este respeito, comenta Panazzolo que:

O Plano de Deus é um plano de salvação e de comunhão que brota da caridade de Deus Pai. “Por excessiva misericórdia e bondade Sua, criou-nos livremente e, além disso, chamou-nos gratuitamente à comunhão de sua vida e de sua glória. Generosamente, difundiu a divina bondade e não cessa de difundi-la” (AG 2). Esta é a comunhão e a comunicação de Deus Pai na Trindade, a missão *ad extra*, o dom precioso à humanidade. É a efusão do amor que vem comunicado e vivido na Trindade. Da comunhão nasce a missão⁸⁸.

Este plano de salvação não acontece por iniciativa humana, mas divina, onde Deus entra na história de um modo novo e definitivo, enviando seu Filho na carne. “[o Pai] para estabelecer a paz ou comunhão com Ele e a fraterna sociedade entre os homens pecadores, Deus decretou também entrar na história humana de modo novo e definitivo. Para isso enviou seu Filho em nossa carne” (AG 3). Uma vez assumindo a carne e, conseqüentemente, toda a natureza humana, o Filho se torna mediador entre Deus e o Homem. A missão do Filho, que está ordenada para a salvação, é revelar o amor do Pai, até então não conhecido com essa generosidade de agora. Este amor comunicado pelo Filho, se dá de forma pessoal, pois Ele é o amado do Pai (cf. Mt 3, 17; Mc 1,11; 12, 6; Jo 3, 35).

A missão de uma Pessoa Divina implica uma origem ou procedência intratrinitária. O Filho é enviado pelo Pai, porque é gerado por Ele, adquirindo uma nova relação pessoal com o homem⁸⁹. Em Jesus, sempre se manifestou esta consciência missionária, pois sempre se apresentou como o “o *enviado do Pai*, o *missionário*, podemos dizer o único missionário, aquele que nunca é nada mais e nada menos que missionário, aquele que reúne o Pai e o mundo”⁹⁰. O próprio Cristo fala do seu sair de junto do Pai (cf. Jo 8,42; 16, 27-28) para vir ao mundo. Este sair é o que caracteriza toda a missão. Contudo, Cristo sai do Pai, mas permanece com Ele, mostrando que “a sua missão é um contínuo ‘sair’ do Pai, que simultaneamente é um contínuo ‘permanecer’ no Pai”⁹¹.

Com a missão do Filho, nova e definitiva (cf. AG 3), Deus se dá a conhecer como Pai. “Esse Deus que o Novo Testamento pressupõe já claramente conhecido, ao menos até certo ponto, Jesus seu Filho se nos revela como ‘o Pai’”⁹². Ao revelar Deus como Pai, Jesus revela a si como Filho, mesmo que não tenha chamado a si próprio de Filho, mostra a relação de

⁸⁸ PANAZZOLO, J. 2019, p. 22.

⁸⁹ Cf. LOPEZ-GAY, J. 1979, p. 22.

⁹⁰ COMBLIN, J. *Jesus, o enviado do Pai* [Livro Eletrônico] 1ed., São Paulo, Ed. Paulus, 2009, p. 4.

⁹¹ LOPEZ-GAY, J. 1979, p. 22.

⁹² LADARIA, L. F., 2015, p. 57 – 58.

intimidade existente entre Ele e o Pai. “(...) ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho” (Mt 11, 27; Lc 10, 22). O fato de Jesus não atribuir a si mesmo o título de Filho, encontra seu sentido em sua pregação, pois Ele não prega a si mesmo, mas o Pai a quem pertence o Reino, ao qual foi chamado a anunciar⁹³.

No texto de Gl 4, 5 a finalidade da missão do Filho é apresentada: “para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”. Na missão do Filho a paternidade de Deus é revelada e o próprio Filho introduz cada pessoa em sua relação filial com o Pai, ensinado a cada um, a se dirigir a Ele como “Pai nosso” (Mt 6, 9; Lc 11, 2). Com a entrada do Filho no mundo, por meio da encarnação, entra com Ele o Pai. O Filho realiza uma ação mediadora entre o Pai e a obra criada, realizando uma nova criação por meio do “Verbo [que] se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1, 14).

A presença e a missão do Filho não começam apenas no mistério da encarnação. Quando se observa os acontecimentos da anunciação e da encarnação, se nota uma ação continuada do mistério trinitário da mediação⁹⁴. O Filho é o mediador entre Deus e os homens (cf. AG 2), constituído Senhor de tudo (cf. 1Cor 8, 5-6), com domínio e poder universal, com um caráter salvífico (cf. Rm 10,12-13; 1Cor 15, 25-26). Somente por meio da mediação do Filho, que o homem pode entrar em comunhão com o Pai. “Esta sua mediação única e universal, longe de ser obstáculo no caminho para Deus, é a via estabelecida pelo próprio Deus”(RMI 5)⁹⁵ e, na mediação do Filho, todas as outras mediações encontram seu valor e significado.

A missão do Filho se inicia antes mesmo da criação, no seio da Trindade. Com a *missio ex creatione*, a criação do mundo, o Filho já se faz presente no mundo como o *Logos* de Deus, pelo qual Ele tudo cria. “E Deus disse: ‘Haja luz’, e houve luz” (Gn1,3); “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1, 1-3). Com a criação *ex nihilo*, o Verbo (*Logos*) se faz presente no mundo e, ao ser enviado pelo Pai, “foi então enviado aonde já se encontrava”⁹⁶.

Com a encarnação, o Filho se faz presente na carne, onde já se fazia presente por meio da Palavra. “Portanto, enquanto nasceu de Deus, encontrava-se já neste mundo; porém, enquanto nasceu de Maria chegou a este mundo como enviado”⁹⁷. Assim, com a chegada do Filho na

⁹³ Cf. LADARIA, L. F., 2015, p. 65.

⁹⁴ Cf. PANAZZOLO, J. 2019, p. 28.

⁹⁵ JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Coleção Documentos Pontifícios 239. Petrópolis, Ed. Vozes, RJ, 1991.

⁹⁶ AGOSTINHO, 1995, Livro II, Cap. 5, n. 7.

⁹⁷ AGOSTINHO, 1995, Livro II, Cap. 5, n. 8.

carne, se inicia um novo modo do Pai manifestar o seu amor ao mundo criado, gerando uma nova criação através de um novo nascimento⁹⁸. Assumindo a natureza humana, o Filho assume a história e a realidade concreta, podendo exercer sua mediação salvadora e redentora.

Esta Salvação, traçada pelo amor do Pai e oferecida por meio do Filho, não consiste em uma salvação das realidades concretas do mal, mas em um entrar na Vida Íntima da Trindade. O acesso a ela se dá por meio do Filho, na ação do Espírito, sendo uma salvação integral e total do Homem, segundo os desígnios de amor do Pai⁹⁹. A história humana se completa na história divina, onde o sofrimento ganha grande repercussão (cf. Mt 25, 40), fazendo do Filho o centro de toda história da humanidade (cf. GS 45)¹⁰⁰.

Sendo o centro da história, o Filho recapitula em si todas as coisas, “as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1, 10). Com sua encarnação, o Filho toca o homem ferido pelo pecado de Adão e recapitula em si todas as coisas e seres, assumindo sua primogenitura e seu primado, atraindo tudo para Ele¹⁰¹. O Filho, deste modo, é o Novo Adão (cf. Rm 5, 12-21) que acolhe com amor e obediência o desígnio redentor e salvador e do Pai, eliminando todo o pecado, resultante da desobediência do velho Adão. Com sua obediência e sacrifício, impetra em todos os homens a salvação, pois “pela desobediência de um só homem, todos se tornaram pecadores, assim, pela obediência de um só, todos se tornarão justos” (Rm 5, 19).

Esta obra redentora, encontra sua realização por meio da cruz e do sofrimento, na qual o Filho matou a inimizade e reconciliou todos os homens com Deus (cf. Ef 2, 14-16). “E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça” (Ef 1, 7). Seu sacrifício na cruz, faz com que sua ação mediadora salvadora seja única, pois enquanto Deus, o Filho é expressão máxima do amor e do projeto do Pai e, enquanto homem, se mostra sensível e responsável pelos problemas da humanidade¹⁰².

A missão do Filho consiste em revelar Deus como Pai e o seu amor para com as coisas criadas e para com os homens. Realizando sua obra redentora, entra no mundo e na história humana “tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem” (Fl 2, 7). Sendo fiel e obediente ao Pai, se oferece em sacrifício pela humanidade, recapitulando em si, tudo e todos, levando-os de volta a comunhão e a Vida Íntima da Trindade.

⁹⁸ Cf. BIFET, 2008, p. 136.

⁹⁹ Cf. BIFET, 2008, p. 280.

¹⁰⁰ *Gaudium et Spes*: Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje in *COMPÊNDIO DO VATICANO II*: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

¹⁰¹ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *A “recapitulação” de todas as coisas em Cristo*: audiência geral de 14 de fevereiro de 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010214.html. Acessado em 17 de setembro de 2021.

¹⁰² Cf. BIFET, 2008, p. 281.

Estando no horizonte final de toda a missão, o Pai é “plenamente glorificado (...) [pois] assim se cumpre o plano de Deus, a que Cristo se submeteu em amorosa docilidade para a glória do Pai” (AG 7). Tendo sua origem e término no Pai, a atividade missionária faz com que a Igreja, e com ela cada cristão, se reconheça como enviados por Ele e para Ele retornará. Ao declarar “agora, porém, vou para aquele que me enviou” (Jo 16, 5), o Filho uni a Pessoa do Pai os verbos enviar e voltar, indicando que a missão é um regresso ao Pai¹⁰³.

1.2. Missão do Espírito Santo

Toda a missão é envolta de uma realidade pneumatológica, pois o Espírito de Deus que pairava no momento da criação (cf. Gn 1, 2) é o mesmo Espírito que Deus colocou no homem ao cria-lo (cf. Gn 3, 7). É este Espírito, que foi derramado sobre os Apóstolos e a Virgem Maria em Pentecostes (cf. At 2, 1-13) e continua atuante e presente na vida e missão da Igreja, animando-a e santificando-a.

Procedendo do Pai e do Filho, o Espírito Santo também é enviado, tendo sua origem no Pai: “mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo” (Jo 14, 26). Dentro do mistério Trinitário, o Espírito Santo é a expressão pessoal do amor do Pai e do Filho, sendo a Terceira Pessoa da Trindade, de igual natureza do Pai e do Filho. Procedendo de ambos, se apresenta como princípio fontal enviado pelo Pai em nome do Filho¹⁰⁴. Sendo consubstancial à ambos, Ele “com o Pai e com Filho é adorado e glorificado” (C.E.C. §685).

O Espírito Santo é mais conhecido pela ação salvífica que desempenha por parte do Pai em nome do Filho. No Novo Testamento, Jesus mostra a ação do Espírito por meio de figuras e imagens tais como o sopro e o vento (cf. Jo 3, 8; 20, 22); como o fogo que purifica (Lc 3, 16); como promotor de um novo nascimento (cf. Jo 3, 4-8); como uma fonte de água de viva que jorra daqueles que crerem em sua Palavra (cf. Jo 7, 37-39); como uma unção que prepara e fortalece para a missão (Lc 4, 18; Mt 3, 16).

Há uma grande relação entre a Pessoa do Espírito e a missão do Filho e da Igreja, pois a evangelização não se trata apenas de um agir humano, mas é acompanhado pela presença salvífica do Filho e a ação santificadora do Espírito Santo¹⁰⁵. “Quando o Pai envia seu Verbo,

¹⁰³ Cf. LOPEZ-GAY, J. *in* OPM, 1979, p. 21.

¹⁰⁴ Cf. BIFET, 2008, p. 296.

¹⁰⁵ Cf. BIFET, 2008, p. 297 – 298.

envia sempre seu Sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis” (C.E.C. §689).

O Filho é concebido na carne pela ação do Espírito Santo (cf. Mt 1, 18; Lc 1, 35). “E esse mesmo Espírito está na missão de Jesus de Nazaré”¹⁰⁶, que é apresentado pelo Pai como o Filho bem-amado (cf. Mt 3, 16-17; Mc 1, 11; Lc 3, 22). Com o seu batismo, Jesus revela o caráter missionário do Filho, mostrando a necessidade do Espírito Santo, que consagra o enviado para a realização da missão, se concretizando em força para cumpri-la.

Em toda a sua missão, Jesus se deixou conduzir pelo Espírito Santo (cf. Mt 4, 1; Mc 1, 12; Lc 4, 1), sendo fortalecido pela oração e pelo sacrifício, percorrendo um caminho Pascal. No decorrer de todo o evangelho de Lucas, se nota a ação do Espírito ao longo de toda a sua vida. Desde sua encarnação, seu nascimento, a vida oculta em Nazaré, o deserto, a evangelização, o gozo antecipado da Páscoa¹⁰⁷, tudo encontra seu ponto final no mistério pascal de sua paixão, morte e ressurreição.

Em vários momentos, Jesus promete enviar de junto do Pai o Espírito Santo sobre os seus discípulos (cf. Jo 7, 39; 14, 16-17.26; 16, 5-15), para poder ajudá-los a continuar a sua missão. “A promessa do envio do Paráclito, do Consolador, está ligada à ‘despedida’ de Jesus (cf. Jo 14). Despedida que compreende a Paixão e morte redentora de Jesus”¹⁰⁸. Ele deixa os seus e volta ao Pai para poder enviar o Espírito Santo, revelando a ação contínua da Trindade no Mundo. Assim, aquele que é enviado do Pai, se torna aquele enviará o seu Espírito sobre todos que crerem Nele.

Ele [Espírito Santo], na realidade, atuava já desde o início no mistério da criação e ao longo de toda a história da Antiga Aliança de Deus com o homem. A sua ação foi plenamente confirmada pela missão do Filho do homem como Messias, que veio pelo poder do Espírito Santo. No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda sua subjetividade divina, como aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida foi confiada aos homens: aos apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo (DeV 42)¹⁰⁹.

Continuando a missão do Filho, o Espírito Santo, que esteve sempre presente desde o momento da criação do mundo (*missio ex creatione*), encontra sua manifestação no dia de

¹⁰⁶ SUESS, P. 2007, p. 55.

¹⁰⁷ Cf. BIFET, 2008, p. 299.

¹⁰⁸ PANAZZOLO, J. 2019, p. 35.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Dominum et Vivificantem*: Carta Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html.

Pentecostes, quando desceu sobre os Discípulos e Maria reunidos em oração (At 2, 1-13). Este momento é fundamental para a Igreja, pois ela “foi publicamente manifestada ante a multidão; que pela pregação se iniciou a difusão do Evangelho entre as nações; que enfim foi prefigurada a união dos povos na catolicidade da fé mediante a Igreja da Nova Aliança” (AG 4).

Toda a obra missionária, realizada pelo Espírito Santo através da Igreja, é apresentada no Livro dos Atos dos Apóstolos, como um caminho missionário iniciado em Pentecostes. A partir deste evento, Pedro e os Apóstolos, juntamente com toda a Igreja nascente, anunciam a Cristo como fonte de Vida Nova no Espírito Santo (cf. At 3)¹¹⁰. O evento de Pentecoste não é um momento único e irrepetível, mas é permanente e continua na missão dos Apóstolos, pois o Espírito Santo guia e assiste à Igreja que caminha em missão, capacitando os missionários para o testemunho e o anúncio do Evangelho¹¹¹. No próprio livro dos Atos dos Apóstolos encontramos vários pentecostes: o de Jerusalém (At 2; 4, 25-31); o da Samaria (At 8, 14-17); o início da missão de Cornélio e o evento em Cesaréia (At 10, 44-48; 11, 15-17); o episódio de Éfeso (At 19, 1-6)¹¹².

Certo que o Espírito Santo, “vivifica, unifica e move todo o corpo” de Cristo, que é a Igreja, sendo para ela “o princípio de vida ou a alma” (LG 7)¹¹³, unido as Pessoas do Pai e do Filho se torna “o protagonista de toda a missão eclesial” (RMi 21). Como “agente principal da evangelização” (EN 75)¹¹⁴, impele a Igreja ao anúncio do Evangelho, sendo o termo da missão: “somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã” (EN 75).

A ação salvífica nunca está dissociada da ação da Igreja, pois não há separação entre a ação pneumatológica e a ação eclesiológica. A ação do Espírito na missão da Igreja faz com que esta seja mais cristocêntrica e trinitária, pois “realiza-se definitivamente aquele novo princípio da comunicação de Deus uno e trino no Espírito Santo, por obra de Jesus Cristo, Redentor do homem e do mundo” (DeV 14). Sua presença unifica a Igreja na comunhão e no ministério, dotando-a e dirigindo-a mediante os vários dons hierárquicos (cf. LG 4). Tudo isto

¹¹⁰ Cf. BIFET, 2008, p. 301.

¹¹¹ Cf. PANAZZOLO, J. 2019, p. 35.

¹¹² Cf. SUESS, P., 2007, p. 56.

¹¹³ *Lumen Gentium*: Constituição Dogmática sobre a Igreja in *COMPÊNDIO DO VATICANO II*: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

¹¹⁴ PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 6ed., São Paulo, Edições Loyola, 1976.

concorre para a realização integral da pessoa humana, segundo os planos do Pai, onde a vida segundo o Espírito (cf. Gl 5, 25) encontra sua concretização na doação à Deus e aos irmãos.

O mesmo Espírito que se faz presente no mundo desde a criação, que inspirou as Escrituras, se faz presente na vida da Igreja, dos Apóstolos, dos missionários, os animando, iluminando e santificando. Sua presença visa, completar a missão iniciada pelo Filho, Jesus Cristo, e que deve chegar a todo mundo¹¹⁵. O caminho missionário assinalado pelo Espírito, segue a mesma lógica do caminho iniciado por Jesus, impelindo ao deserto, capacitando para ir ao encontro dos pobres, provando da alegria pascal (cf. Lc 1, 1.18-30).

A voz do Espírito (cf. Ap 2, 7ss) guia o percurso missionário, compartilhando o mesmo destino pascal de Cristo, pois também a Igreja, como os Apóstolos, chegará à glorificação pascal após passar por provas e dificuldades. Toda esta dinâmica gera uma tensão santificadora e evangelizadora que é fruto do Espírito, que cria “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21, 1), na espera da vinda definitiva do Filho, Jesus Cristo. A *dinamis*, força do Espírito, leva o cristão a se configurar a Cristo aspirando sempre a perfeição (cf. Mt 5, 45); a entrar na vida íntima da Trindade, através da contemplação e, por meio da missão, a anunciar o Evangelho de Cristo a todo o mundo (cf. Mc 16, 15), uma vez que, “com a vinda do Espírito eles sentiram-se capazes de cumprir a missão que lhes fora confiada. Sentiram-se cheios de fortaleza. Foi isto precisamente que o Espírito Santo operou neles; e é isto que Ele continua a operar na Igreja, mediante os seus sucessores” (DeV 25).

Todo o apostolado se trata de um processo de santificação e evangelização que nasce da ação do Espírito Santo que consagra e envia. Assim, todos, segundo as graças e os carismas próprios de cada vocação, participam da missão do Espírito Santo¹¹⁶, sendo testemunhas do Cristo Ressuscitado (cf. Jo 15, 25-26). Participando da mesma missão de Cristo, é o Espírito que fala através dos Apóstolos e Discípulos. Assim, a promessa, envio e missão do Espírito consiste justamente na realização da obra redentora do Filho em todos os tempos (cf. AG 4).

2. Da Missão de Cristo à Missão da Igreja

A missão de Cristo não terminou com sua ascensão aos céus (cf. Mc 16.19-20; Lc 24, 50-53; At 1, 6-10) ou com a morte dos discípulos. Ao confiar sua missão aos discípulos, “ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15), ela continuou através dos

¹¹⁵ Cf. BIFET, 2008, p. 303.

¹¹⁶ Cf. BIFET, 2008, p. 304.

sucessores dos discípulos, até o fim dos tempos, enquanto existirem pessoas a serem salvas pelo ensino da verdade (cf. MaI 1)¹¹⁷. Desde que foram enviados por Cristo, os discípulos nunca deixaram de anunciar, fazendo com que ressoasse em todo o mundo a redenção operada por Cristo. Assim como os discípulos, a Igreja também, como afirma o Papa Bento XV, “fiel ao mandato divino, nunca deixou, através dos tempos, de enviar a todo o mundo arautos e ministros da palavra divina que anunciassem a salvação eterna alcançada por Cristo para o gênero humano” (MaI 2).

No decreto *Ad Gentes*, os padres conciliares lembram que este dever da Igreja, de anunciar e propagar o Evangelho, nasce do mandato que Cristo deu aos Apóstolos, e estes o transmitiram ao Colégio dos Bispos e a toda a Igreja (cf. AG 5). Ao longo da história, a missão da Igreja se apresenta como continuidade e desdobramento da missão de Cristo.

A Igreja, em sua jornada histórica, tem a missão de inspirar-se em Cristo, o Verbo encarnado, para anunciar e inserir o Evangelho em todas as culturas e entre todos os povos. Desde que “a Palavra se tornou homem e habitou entre nós” (Jo 1,14), a história mudou de rumo. A Igreja é chamada a discernir e a retomar todas as sementes previamente semeadas pela divina Providência, para levá-los, sob a ação do Espírito Santo, à maturidade em Cristo¹¹⁸.

Desta forma, impelida pela ação do Espírito Santo, a Igreja continua a trilhar os caminhos do mestre. Derramado sobre os Apóstolos em Pentecostes (cf. At 2, 1-13), este mesmo Espírito compele a Igreja a se manifestar publicamente, difundindo o Evangelho, prefigurando a união dos povos na catolicidade da fé (cf. AG 3). Assim, afirma Bifet, a Igreja se torna continuação da história salvífica, guiada por uma ação misteriosa, fazendo memória de toda a história da salvação, em especial a Encarnação do Verbo, a Redenção, a Ressurreição, a vinda do Espírito Santo e a vinda definitiva de Cristo¹¹⁹.

Nascendo das missões do Filho e do Espírito Santo, a Igreja continua vivendo destas duas missões. Ela recebe do Filho a missão de ser continuadora do anúncio do Evangelho e, pela

¹¹⁷ Cf. BENTO XV, Papa. *Maximum Illud*: Sobre a Atividade desenvolvida pelos Missionários no Mundo. Brasília, Ed. CNBB, 2018.

¹¹⁸ “La Iglesia, en su caminar histórico, tiene la misión de inspirarse en Cristo, el Verbo Encarnado, para proclamar e insertar el evangelio en todas las culturas y en todos los pueblos. Desde que «el Verbo se ha hecho hombre y ha habitado entre nosotros» (Jn 1,14), la historia ha cambiado de rumbo La Iglesia está llamada a discernir y asumir todas las semillas sembradas anteriormente por la Providencia divina, para hacerlas llegar, bajo la acción del Espíritu Santo, a la madurez en Cristo”. BIFET, 2008, p. 312 – 313.

¹¹⁹ Cf. “La comunidad «convocada» por Jesús (la «ecclesia»), después de recibir el Espíritu Santo el día de Pentecostés, comenzó a comunicar a todos los hermanos la «buena nueva» Es una continuación de la historia salvífica, que siempre tuvo sus altibajos y que, al mismo tiempo, queda orientada por una acción misteriosa que recuerda toda la historia de salvación y, especialmente, la Encarnación del Verbo, la redención, la resurrección, la venida del Espíritu Santo y la venida definitiva de Cristo”. BIFET, 2008, p. 313 – 314.

ação do Espírito Santo, ela é fortalecida e animada, sendo assistida em todas as suas necessidades. Se através da Encarnação, o Filho se manifesta visivelmente e realiza a sua missão, a missão do Espírito Santo, afirma Yves Congar, “se manifestou em Pentecostes (Atos dos Apóstolos), depois foi coextensiva, à vida da Igreja e à dos cristãos (Paulo)”¹²⁰.

Desde o início, a Igreja compreendeu que o Espírito Santo sempre foi o protagonista de toda a missão (cf. DeV 42), agindo na vida dos apóstolos e dos ouvintes da palavra (cf. RMI 21). O Espírito sempre foi presença constante na Igreja e, como lembra o Papa São Paulo VI, após o evento de Pentecostes, os Apóstolos partiram às várias partes do mundo iniciando a obra de evangelização. Ele sempre impeliu a Pedro, Paulo ou aos Dozes, inspirando-lhes as palavras e descendo sobre os que os escutavam. Sendo a alma da Igreja, sempre a reconfortou e a fez crescer, sempre fiel aos ensinamentos de Jesus e aos seus mistérios (cf. EN 75).

O mandato missionário que Cristo dá aos discípulos, como mostra os relatos neotestamentários (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15-18; Lc 24,46-49; Jo 20,21-23; At 1,3-8), nada mais é que o “envio no Espírito, como se vê claramente no texto de S. João: Cristo envia os seus ao mundo, como o Pai o enviou a ele; e, para isso, concede-lhes o Espírito” (RMI 22). Congar lembra que o Espírito dado a Igreja, foi primeiro comunicado aos apóstolos, primícias do novo povo, e depois ao conjunto da primeira comunidade, por ocasião de Pentecostes¹²¹. Dentro deste contexto duas expressões se tornam significativas, “reunidos no mesmo lugar” (At 2, 1) e “unânimes” (At 2, 46), sobre as quais Möhler faz a seguinte observação:

Quando receberam a força e a luz do alto, os chefes e os membros da Igreja nascente não tinham ainda se dispersado para diferentes lugares, mas estavam reunidos em um mesmo lugar e num mesmo coração, formando uma só assembleia de irmãos (...) Assim cada discípulo ficou repleto dos dons do alto na medida em que formasse uma unidade moral com todos os outros discípulos¹²².

Com isto, o Espírito se torna princípio de unidade na Igreja. Primeiramente uma unidade que supõe o consentimento do estar juntos: “Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam *todos reunidos*¹²³ no mesmo lugar” (At 2, 1). O Espírito é dado quando se está junto, criando a unidade do Corpo. “Não é porque há um só corpo que há um só Espírito; é porque há

¹²⁰ CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo II: Ele é o Senhor e dá a vida*. [Tradução Euclides Martins Balancin] 2.ed. São Paulo, Ed., Paulinas, 2010, p. 19.

¹²¹ Cf. CONGAR, 2010, p. 29.

¹²² CONGAR *apud* MÖHLER, J. A. 2010, p. 29 – 30.

¹²³ Grifo do Autor.

um só Espírito de Cristo que há um só corpo, que é o Corpo de Cristo. É que o Espírito age para fazer entrar no Corpo, mas ele é dado ao Corpo e é neste que se recebe o dom”¹²⁴.

Mesmo havendo diversos dons, ministérios, modos de ação, é o mesmo e único Espírito que conduz a unidade todos os membros do Corpo de Cristo (cf. 1Cor 12, 4-13). Assim, o Espírito exerce na Igreja a mesma função que a alma no corpo humano, sendo o princípio de vida, que vivifica, unifica e move todo o corpo (cf. LG 7). Este mesmo Espírito “instala no coração dos fiéis o mesmo espírito missionário, pelo qual era movido Cristo” (AG 4). Deste modo, a Igreja é “impelida pelo mesmo Espírito de Cristo deve trilhar a mesma senda de Cristo” (AG 5), fazendo com que a sua missão, não seja um acréscimo à missão do Filho e do Espírito, mas sacramento dela, “enviada a anunciar, testemunhar, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade” (C.E.C. §738).

2.1. Missão e Comunhão

Para poder compreender a missão deve-se primeiro compreender a revelação de Deus e a sua história com a humanidade. Com a encarnação do Verbo, Deus Trino entra no tempo e no espaço, se revelando como Pai, fazendo da história da humanidade também a sua. Assim, “por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo (...) fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15), e com eles se entretém (cf. Br 3, 38) para os convidar à comunhão consigo e nela permanecer” (DV 2)¹²⁵.

Mediante a humanidade assumida pelo Verbo e por suas ações e palavras, Deus se revela como Pai, Amor, Comunhão: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade” (Jo 17, 21-23). Com as missões do Filho e do Espírito Santo é dado ao homem adentrar no mistério da comunhão Trinitária, onde “Pai, Filho e Espírito vivem, em perfeita intercomunhão de amor, o mistério supremo da unidade” (DP 212)¹²⁶.

O termo comunhão, “pode ter dois sentidos com seus respectivos significados e consequências: *Cum-munio* significa defender-se juntos. *Cum-munus* tem o sentido de pôr

¹²⁴ CONGAR, 2010, p. 30. Cf. também Ef 4, 4-6; 1Cor 12, 12-13; Rm 12, 4-5.

¹²⁵ *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina in *COMPÊNDIO DO VATICANO II*: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Ed. Vozes, Petrópolis, 2000.

¹²⁶ CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*: Conclusões da Conferência de Puebla. 2ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 1979.

juntos os próprios dons e qualidades”¹²⁷. Estas terminologias com os seus significados opostos, originam concepções diferentes de vida, de relações interpessoais e de relação com Deus. Enquanto a primeira se atrela a uma concepção defensiva, com consequências negativas e tensões internas e externas de relação com o cotidiano, a segunda leva a uma vivência comum e partilha dos dons, inspirando a confiança e o desejo de caminhar juntos na verdade e liberdade.

Fundamentada no projeto de Amor de Deus para os homens e o mundo criado por Ele, a missão é, antes de ser tarefa, comunhão radicada na imagem da Trindade, que se comunica e se revela. Esta comunicação busca estabelecer um diálogo de amor e liberdade, entre Deus e a humanidade. Com o envio do Filho e do Espírito Santo, o plano de amor do Pai é posto em prática (cf. AG 2), congregando a todos no seu Cristo, “sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

O estar em comunhão com Deus-Trindade faz com que a missão siga adiante, se revelando como missão-comunhão, pois “a comunhão gera comunhão e reveste essencialmente a forma de comunhão missionária” (CfL 32)¹²⁸. Há uma profunda e estreita ligação entre a comunhão e a missão, sendo aquela fonte e, conseqüentemente, fruto desta: “a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão” (CfL 32). Em seu discurso ao clero romano em 1990, o Papa São João Paulo II afirmou que “devemos estar em comunhão muito profunda com Deus para cumprir sua missão de comunhão, sua missão divina e trinitária”¹²⁹. Desta realidade, comunhão e missão, surge a Igreja em sua universalidade e particularidade, trazendo em si este mistério de Deus comunhão-missão.

Dentro do Antigo Testamento, Deus se revela ao povo de Israel através de uma rede de relações presente em toda a história do povo. Intervindo na história do seu povo, Deus dialoga com ele, revelando-se a si mesmo. “Este mesmo Deus, que ama seu povo com um amor “ciumento”, impede que Israel se feche em si mesmo e no falso orgulho de ser o ‘eleito’. Israel descobre, progressivamente, que é chamado a uma missão: ‘luz das nações’”¹³⁰ (Doc. 40, 28). O momento ápice desta história do amor de Deus se dá com a encarnação do seu Filho que, por meio de seus gestos, palavras e ações, revela Deus que é amor, Pai e comunhão.

¹²⁷ PANAZZOLO, J. *apud* BALTHASAR, Hans Urs von. 2019, p. 69.

¹²⁸ JOÃO PAULO II, Papa. *Christifideles Laici: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html.

¹²⁹ JOÃO PAULO II, Papa. *Discurso ao Clero de Roma: 01 de março de 1990*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/march/documents/hf_jp-ii_spe_19900301_clero-roma.html. Acessado em 27 de setembro de 2021.

¹³⁰ CNBB. *Igreja: Comunhão e Missão na Evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura*. 10ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2004 (Documento 40).

Com o envio do Filho, o amor de Deus é concretizado e apresenta aquele como sendo o seu Ungido, o seu Messias, o seu Cristo que anuncia a Boa-Nova aos pobres e proclama a libertação aos que estão presos (cf. Lc 4, 18-19; Is 61, 1-2). Após a sua glorificação e retorno ao Pai, o Filho envia o Espírito Santo, que faz com que seus discípulos compreendam o sentido da vida e da mensagem de Jesus Cristo, bem como a unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (cf. Doc. 40, 30).

Através da missão do Filho e do Espírito, revela-se a todos os homens e mulheres o amor de Deus Pai e nos é dado penetrar, de algum modo, no mistério da comunhão trinitária. Ele se nos revela como comunhão da unidade na alteridade de três pessoas. As pessoas divinas existem na mesma natureza como relações de uma para com as outras. Em Deus, ser pessoa é ser para as outras numa doação mútua. O dar e o receber, o gerar e o ser gerado, o enviar e o ser enviado não implicam em diminuição de uma pessoa frente às outras. Plena comunhão no mesmo ser, sem dominação, sem absorção, sem subordinação. Tudo entre elas é comum. Por isso, Jesus diz ao Pai “tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu” (Jo 17,10). E referindo-se ao Espírito Santo, afirma: “Tudo o que o Pai tem é meu; por isso disse: Ele (o Espírito) recebe do que é meu e vo-lo anunciará” (Jo 16,15) (Doc. 40, 44).

É o próprio Jesus que “nos revela o Pai e nos introduz no mistério da vida trinitária pelo Espírito. Tudo passa por Cristo, que se fez caminho, verdade e vida” (DSD 121)¹³¹. Ao associar os seus discípulos a sua própria missão, Cristo os envia a todos os povos e lugares da terra. Ao assumir a humanidade, na encarnação, introduz cada pessoa no mistério da comunhão trinitária, se fazendo presente, por meio dos seus discípulos, no coração do povo, os assumindo e os transformando (cf. DSD 121). Ao incorporá-los a si, apresenta a Igreja como sendo sacramento de comunhão evangelizadora, convocando-a a viver a unidade na caridade, comunicando e anunciando esta comunhão, através da Palavra, da Eucaristia e dos demais sacramentos (cf. DSD 123).

Por fim, este é o modo pelo qual Deus se revela: como Comunhão na Trindade. A comunhão trinitária se apresenta como ponto de convergência da história da Revelação, da Missão, da Igreja e da Humanidade, pois todas encontra nela a sua origem e termo. Chamando sempre a uma relação interpessoal, sempre requer uma convivência: “Disse-lhes: ‘Vinde e vede’. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele” (Jo 1, 39). Este convite, vinde e vede, é o convite para a vida de comunhão na Trindade, proposta pelo Cristo ao rezar ao Pai pedindo para todos fossem um, vivessem na unidade, como Ele o Pai são um (cf. Jo 17, 21).

¹³¹ CELAM. *Santo Domingo: Conclusões da IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

2.2. A Natureza Missionária da Igreja

Ao olhar para as origens e para a história da Igreja, se percebe, principalmente através dos relatos do Novo Testamento, que a evangelização está intimamente arraigada a ela. “A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos Doze. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização” (EN 15). Enviada por Cristo para evangelizar, ela fica presente no mundo, como “sacramento universal de salvação” (LG 48), sendo sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-15).

A missão da Igreja, nascida no seio trinitário, possui em si dimensões cristológicas e pneumatológicas. Impulsionada pelo plano de amor do Pai e pelo mandato missionário de Cristo, animada pela ação do Espírito Santo, a Igreja coopera “para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constituiu Cristo como princípio de salvação para todo o mundo” (LG 17). Isto demonstra, recorda o Papa São Paulo VI, que a Igreja tem consciência de que a palavra do Senhor, “devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus” (Lc 4, 43), também lhe é aplicada. A sua existência encontra significado e razão na evangelização, na pregação e no ensino, reconciliando os pecadores com Deus, perpetuando o sacrifício de Cristo, memorial de sua morte e gloriosa ressurreição (cf. EN 14).

Nascida da ação missionária de Cristo, a Igreja é chamada a continuar “a sua missão e a sua condição de evangelizador” (EN 15), por meio do testemunho, da pregação e anúncio da Boa Nova. Certa de sua missão de evangelizadora, a Igreja se vê não apenas como agente da evangelização, mas também como destinatário da evangelização. A igreja começa a evangelizar a si mesma, tendo necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve crer, como afirma o Papa São Paulo VI, “ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar a frescura, alento e força para anunciar o Evangelho” (EN 15).

Os Padres Conciliares recordaram que “a Igreja peregrina é por sua natureza missionária” (AG 2), remontando à origem primeira da missão, que é a própria Trindade. A Igreja é missionária em sua essência, essência provinda do próprio Deus, fonte de amor e de caridade. Ou seja, a missão vem de Deus, pois Ele é amor, amor que transborda e se comunica já na criação e, conseqüentemente, com o pecado humano e com a história da salvação que busca reintegrar a humanidade no Reino dos Céus. A missão existe com Deus e diz respeito, primeiramente ao que Deus é e não ao que Ele faz. Assim, a missão da Igreja surge não de uma necessidade histórica, mas do impulso gratuito, que se origina na participação da vida divina (cf. DAp 347 – 348).

Sendo de natureza missionária, percebe-se que a missão não é fruto da Igreja, mas a Igreja que nasce da missão, da *Missio Dei*. “Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (AG 2). Panazzolo¹³² afirma que a missão, é uma realidade da qual a Igreja não pode escapar, por ela fazer parte de sua natureza. “O envio missionário era e é uma questão vital, e a missão foi primeiramente prática. A Igreja nasceu e viveu a missão antes mesmo de saber o que era a missão”¹³³. A missão procedendo da ação do próprio Deus, faz com que a atividade missionária seja, não apenas uma ação da Igreja, mas a Igreja em ação.

A missão da Igreja está dinamicamente fundada na missão trinitária, fazendo com que sua índole missionária pertença a sua íntima natureza (cf. RMI 1). Isto faz com que ela assuma o propósito pelo qual foi fundada, proclamar o Evangelho a todas as nações (cf. Mc 16). Sobre esta prerrogativa, o Papa São Paulo VI deixa claro que a ação evangelizadora não algo facultativo ou privado, mas “um ato eclesial (...) [pois] a Igreja é ela toda inteiramente evangelizadora” (EN 60). Na *Redemptoris Missio*, o Papa São João Paulo II corrobora com esta ideia afirmando que:

A realidade da Igreja é um conjunto de sinais da presença ativa do Cristo Ressuscitado. Pessoas (vocações), serviços (ministérios) e carismas são sinais transparentes e portadores de Cristo para toda a humanidade. Eles são sempre sinais “pobres”, por causa de sua constituição humana, mas eles têm o poder do Espírito. “A Igreja existe para evangelizar” (EN 14) e, portanto, “não é um fim em si mesmo” (RMI 19)¹³⁴.

Deste modo, percebe-se que é a *Missio Dei* que constrói a missão da Igreja e não o contrário. A fidelidade da Igreja à sua missão é consequência da sua união com o amor de Cristo. A respeito da fidelidade da Igreja, o Concílio Vaticano II afirma que, fiel à Cristo, a Igreja sempre buscou viver sua vocação de anunciadora da Boa-Nova do Reino e de ser, para o mundo, sacramento universal de salvação (cf. LG 48). Assim, impelida à missão pela “caridade de Cristo” (2Cor 5, 14; cf. AG 7), a Igreja dirige o olhar do homem, orientando a consciência e a experiência humana para o mistério de Cristo (cf. RMI 4).

¹³² Cf. PANAZZOLO, J. 2019, p. 13.

¹³³ PANAZZOLO, J. 2019, p. 13 – 14.

¹³⁴ “La realidad de Iglesia es un conjunto de signos de la presencia activa de Cristo resucitado. Personas (vocaciones), servicios (ministerios) y carismas son signos transparentes y portadores de Cristo para toda la humanidad. Son signos siempre «pobres», por su constitución humana, pero tiene la fuerza del Espíritu Santo. «La Iglesia existe para evangelizar» (EN 14) y, por tanto, «no es fin para sí misma» (RMI 19)”. BIFET, 2008, p. 376.

Da própria natureza da Igreja, brota a atividade missionária, cujo fim próprio é a evangelização (cf. AG 6). O Papa São Paulo VI define evangelização e o seu conteúdo, como o anúncio do nome, da doutrina, da vida, das promessas, do Reino, do mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus (cf. EN 22). Por meio da Evangelização, afirmam os Bispos reunidos em Puebla, Cristo se dá a conhecer como Senhor, revelando o Pai e comunicando o Espírito, chamando sempre a conversão e comunhão com o Pai (cf. DP 352).

O Papa Francisco recorda que a “evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram” (EG 15)¹³⁵. Com esta afirmação, o Papa Francisco continua o trabalho dos Padres conciliares que, por meio do decreto *Ad Gentes*, afirmam que, “onde quer que Deus abra uma porta à palavra para proclamar o mistério de Cristo a todos homens, com confiança e sem cessar anuncia-se o Deus vivo e Aquele que enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo” (AG 13).

Ao evangelizar, a Igreja obedece ao mandato missionário do Senhor: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20). Por meio da evangelização a Igreja anuncia as verdades centrais: Cristo, enviado do Pai, anima a Igreja com seu Espírito, oferecendo sua palavra e sua vida ao homem; a Igreja, mistério de comunhão, leva a todos a Boa Nova e, ao mesmo tempo, se evangeliza internamente; o homem, criado à imagem de Deus, encontra em Cristo sua realidade mais profunda e sua verdadeira grandeza (cf. DP 165 – 169).

Assim, a missão não é apenas um serviço que está a margem da Igreja, mas inserida no íntimo de sua vida, como compromisso total ao povo de Deus (cf. RMi 32). Compreender a essência missionária da Igreja é compreender a própria essência do Evangelho que é anunciado. Participando das alegrias e das esperanças, das tristezas e angústias dos homens (cf. GS 1), a Igreja prescruta os sinais dos tempos à luz do Evangelho (cf. GS 4), liberta, ilumina, submete tudo ao domínio de Deus (cf. AG 11).

2.3. Maria: missionária de Cristo e da Igreja

Seguindo sua vocação específica, todos os apóstolos participam e prolongam a missão de Cristo através da pregação e do testemunho. Animada e fortalecida pela ação do Espírito Santo,

¹³⁵ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, Ed. Loyola, 2013.

a Igreja vai crescendo (cf. At 9, 31) à medida que anuncia o Evangelho a todos os povos. No centro deste anúncio se encontra a Pessoa de Jesus Cristo e a sua obra redentora (cf. EN 27) e, ao lado dele se encontra a pessoa de Maria. A este respeito, Bifet afirma que Maria faz parte do anúncio do Evangelho, pois “Cristo é anunciado como verdadeiro homem (Maria é Mãe), verdadeiro Deus (Maria é Virgem, por obra do Espírito Santo), Redentor e Salvador (Maria, figura da Igreja, está associada à obra redentora)”¹³⁶.

O Papa São João Paulo II, lembra que Maria possui “lugar bem preciso no plano da salvação” (RM 1)¹³⁷, pois “quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4, 4-5). Ao iniciar o capítulo VIII da constituição dogmática *Lumen Gentium*, os padres conciliares recorrem a este trecho da carta aos Gálatas para se referir a participação de Maria no mistério de Cristo e da Igreja (cf. LG 52). Mistério este, que se revela no plano eterno do Pai de salvar e redimir toda a humanidade em Cristo (cf. Ef 1, 3-14).

Este plano, em Cristo, compreende todos os homens e as mulheres, mas reserva um lugar singular àquela mulher que foi a Mãe daquele a quem o Pai confiou a obra da salvação. Maria é introduzida no mistério de Deus, no plano e desígnio divinos, mediante a encarnação de Jesus, na anunciação: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28). Esta graça, ou “bênção espiritual em Cristo” (Ef 1,3), Maria a recebeu de forma especial e excepcional, pois ela é “a bendita entre todas as mulheres” (Lc 1,42).¹³⁸

Sendo a graça, dentro do contexto bíblico, um dom especial cuja fonte é a vida trinitária do próprio Deus, que é amor (cf. 1Jo 4, 8), Maria é escolhida pelo Pai “a ser Mãe de seu Filho, para que assim como a mulher contribui para a morte, a mulher contribuísse para a vida” (LG 56). Assim, sendo eleita pelo Pai como a Mãe do Filho, Maria é coberta pela sombra do Espírito (cf. Lc 1, 35), revelando a sua união extraordinária com a Trindade. Nela se encontra o modelo de conformidade ao projeto trinitário que se cumpre em Cristo, lembrando que a beleza do ser humano se encontra no vínculo de amor com a Trindade (cf. DAp 141).

Toda a sua existência, foi vivida em uma plena comunhão com seu Filho. Através do seu sim, na anunciação, sempre aceitou, de forma livre e fiel, o plano de amor do Pai até a sua consumação no Gólgota (cf. DP 292). “Maria, levada ao máximo na participação com Cristo, é

¹³⁶ “María, virgen y madre, forma parte del anuncio del evangelio. Se anuncia a Cristo verdadero hombre (María es madre), verdadero Dios (María es Virgen, por obra del Espíritu Santo), Redentor y Salvador (María, figura de la Iglesia, es asociada a la obra redentora)”. BIFET, 2008, p. 492.

¹³⁷ JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Mater*: Carta Encíclica sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.pdf.

¹³⁸ PANAZZOLO, J. 2019, p. 38.

íntima colaboradora de sua obra. (...) Por esta comunhão e participação, a Virgem Imaculada vive agora imersa no mistério da Trindade, louvando a glória de Deus e intercedendo pelos homens” (DP 293). Participando da Missão de Cristo, Maria se torna missionária e, mesmo não tendo recebido diretamente uma missão pública de Jesus, esteve presente quando a Igreja iniciou sua missão. Junto aos apóstolos, implorou “com suas preces o dom do Espírito, o qual, já na Anunciação a havia coberto com sua sombra” (LG 59). Bifet, lembrem, que desde o início da pregação da Igreja, Maria já fazia parte do primeiro anúncio.

María é parte do primeiro anúncio missionário, como “a mulher” da qual, pelo poder do Espírito Santo, nasce Cristo, o Filho de Deus feito homem, nosso Salvador. Os textos marianos do Novo Testamento contém todos os elementos básicos do anúncio missionário: em Cristo, Filho de Davi (verdadeiro homem), Filho de Deus (concebido pela obra do Deus (concebido pela obra do Espírito Santo), o cumprimento das profecias e esperanças das profecias e esperanças messiânicas¹³⁹.

A luz dos textos neotestamentários, Maria se apresenta como figura da Igreja que vive e anuncia o mistério de Cristo em sua integralidade. A profecia de Simeão (cf. Lc 2, 29-32) apresenta Cristo como Luz dos Povos¹⁴⁰, seguida da profecia a respeito de Maria, onde uma espada de dor transpassará sua alma (cf. Lc 2, 35). Bifet, ao comentar tal acontecimento, mostra que com esta profecia, a maternidade de Maria ganha um aspecto universal, sendo uma figura da maternidade da Igreja missionária¹⁴¹. Assim, Cristo é a Luz dos Povos, Luz esta que resplandece na Igreja (cf. LG 1), da qual Maria é o modelo, na ordem da fé, da caridade, da perfeita união com Cristo, ocupando um lugar eminente e singular (cf. LG 63).

Visto que a razão de ser, tanto da Igreja quanto a de Maria, é comunicar o mistério de Cristo, a Igreja levanta “os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a comunidade dos eleitos” (RM 6). O Papa São Paulo VI recorda que Maria é “a Estrela da Evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar” (EN 82). Isto pode ser observado de modo concreto, nos vários santuários marianos espalhados pelo mundo, onde se manifesta “a fé na ação materna de Maria que gera novos filhos para Deus” (EG 286). Sendo, não apenas modelo da humanidade, Maria é artífice da comunhão, convidando multidões à comunhão com Cristo e com a Igreja (cf. DAp 268).

¹³⁹ “María forma parte del primer anuncio misionero, como «la mujer » de la que, por obra del Espíritu Santo, nace Cristo, el Hijo de Dios hecho hombre, nuestro Salvador. Los textos marianos del Nuevo Testamento contienen todos los elementos básicos del anuncio misionero: en Cristo, Hijo de David (verdadeiro hombre), Hijo de Dios (concebido por obra del Espíritu Santo), ha comenzado el cumplimiento de las profecías y esperanzas mesiánicas”. BIFET, 2008, p. 492.

¹⁴⁰ Tal afirmação é retomada pelos Padres Conciliares ao iniciarem a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

¹⁴¹ Cf. BIFET, 2008, p. 492.

O Papa Francisco recorda que “há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja” (EG 288). Isto acontece, pois, a Igreja vê em Maria a sua personificação e o seu modelo de Mãe, sendo sua ação evangelizadora uma continuação e atualização da maternidade de Maria. Por isto que a Igreja “se volta para Aquela que gerou a Cristo, concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem a fim de que pela Igreja nasça também e cresça no coração dos fiéis” (LG 65). Assim, Maria e a Igreja são a virgem fiel que se torna mãe, para que sob o auxílio do Espírito Santo, possam receber e comunicar a Cristo, presente nos sinais visíveis da Igreja, vivendo em cada pessoa.

CAPÍTULO III: A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO-MISSIONÁRIO

1. Um Olhar para a Realidade

Inserida no mundo e enviada a continuar a missão de Cristo, a Igreja participa das “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1), sendo solidária com toda a família humana. Estando intimamente ligada ao gênero humano e a sua história, a Igreja é formada por homens, congregados em Cristo, guiados pelo Espírito Santo. Por isto ela busca “perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas” (GS 4).

Sempre buscando o *aggionamento*, de que tanto falara o Papa São João XXIII no início do Concílio Vaticano II, a Igreja “na presente situação que condiciona de maneira nova a humanidade (...) é chamada com mais instância a salvar e renovar toda criatura” (AG 1). Diante de tantos desafios que surgem na sociedade, é imprescindível uma renovação da ação evangelizadora-missionária da Igreja. Mas para isto, recorda o Papa Francisco, se faz mister um discernimento evangélico, que leve a recordar o contexto em que se vive e se age, evitando excessos de diagnóstico que, em vários casos, são acompanhados de propostas irresolutas e inaplicáveis (cf. EG 50).

Ao olhar para a realidade, o discípulo-missionário se encontra em meio às luzes e sombras do tempo hodierno (cf. DGAE 2008-2010, 12)¹⁴². As mudanças que acontecem na sociedade desafiam a Igreja “a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que a tenham em plenitude’ (Jo 10, 10)” (DAp 33). Estas transformações pelo qual a sociedade atualmente passa, atinge todas as dimensões da vida humana, sendo mister uma “atuação evangélica dos cristãos, que contribua para a recuperação dos valores éticos e religiosos fundamentais” (Doc 40, 7). A respeito destas transformações, já escrevia o Papa São João Paulo II:

Encontramo-nos hoje diante de uma situação religiosa bastante diversificada e mutável: os povos estão em movimento; certas realidades sociais e religiosas, que, tempos atrás, eram claras e definidas, hoje evoluem em situações complexas. Basta

¹⁴² CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008 – 2010*. Brasília, Ed. CNBB, 2007.

pensar o fenômeno do urbanismo, as migrações em massa, a movimentação de refugiados, a descristianização de países com antiga tradição cristã, a influência crescente do Evangelho e dos seus valores em países de elevada maioria não-cristã, o pulular de messianismos e de seitas religiosas. É uma alteração tal de situações religiosas e sociais, que se torna difícil aplicar em concreto certas distinções e categorias eclesiais, a que estávamos habituados (RMi 32).

Reconhecer estas outras mudanças que acontecem na sociedade, requer sempre um olhar atento a realidade que leve o discípulo-missionário a discernir o *modus operandi* e a responder aos apelos missionários de Cristo na construção do seu Reino. Além disto, o leva a perceber a presença do Espírito Santo, que o convoca e o impele a missão. Os Bispos reunidos em Aparecida, lembram que tais mudanças possuem alcance global, com diferenças e matizes que afetam o mundo inteiro (cf. DAp 34). Afetando a atividade da vida social, cabe a Igreja compreender os efeitos destes fenômenos na vida do povo que, incansavelmente, busca vislumbrar o rosto de Deus.

Com uma realidade cada vez mais complexa, o indivíduo vê a necessidade crescente de informações, buscando exercer o seu senhorio, que por vocação, é chamado (cf. DAp 36). Contudo, tais informações são passadas de forma fragmentada fornecendo uma visão unilateral da realidade. Este modo parcial de se ver, impede propor um significado coerente das coisas, fazendo que, ao perceber a fragmentação, a pessoa se sinta vazia e angustiada. “Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise do sentido” (DAp 37). Este sentido a que se refere os Bispos em Aparecida, não é o parcial, encontrado nas ações cotidianas, mas o sentido que gera unicidade, que cada cristão chama, de sentido religioso.

Este fenômeno se explica no fato de que as tradições culturais não são mais transmitidas de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado, afetando o núcleo de cada cultura, alicerçado na experiência religiosa (cf. DAp 39). Com isto se faz mister um recomeçar a partir de Cristo, onde o missionário leva ao coração da cultura Cristo Palavra (cf. 1Cor 1, 30), levando-a a encontrar o seu centro e seu sentido unitário e completo da vida humana. O Papa São Paulo VI já afirmava que “a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama de nossa época (...) [por isso] importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura (...) regeneradas mediante o impacto da Boa Nova” (EN 20).

1.1. A Inculturação do Evangelho

Na cultura atual, recorda o Papa Francisco, onde cada pessoa se coloca na posição de portador de um verdade subjetiva própria, se torna difícil se inserir em um projeto comum (cf. EG 61). Tal realidade gera uma “necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho” (EG 69). Sobre esta necessidade, os Bispos Latino-americanos reunidos em Santo Domingo, afirmavam que:

(...) em virtude da encarnação, Cristo se uniu de certo modo a todo o homem. (...) Jesus Cristo se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude, elevando nelas o que é bom e purificando o que se encontra marcado pelo pecado. Toda evangelização há de ser, portanto, inculturação do Evangelho (DSD 13).

A cultura de um povo só pode ser cristã, quando o seu modo de agir e de ser tem por referência e inspiração a pessoa de Jesus Cristo. Com efeito, Cristo é a medida de toda cultura e de toda obra humana, sendo a inculturação do Evangelho, um imperativo no seguimento a Jesus, necessário para a restauração do rosto desfigurado do mundo (cf. LG 8). O termo “inculturação” é expressão do desejo de que “o Evangelho penetre no coração de cada cultura e nela se expresse como algo que lhe pertence e não como uma voz estranha”¹⁴³.

Embora não se tenha uma definição precisa para o termo “inculturação”, muitas vezes ela é apresentada como um processo ativo que parte de dentro da cultura que recebe a revelação por meio da evangelização e a traduz de acordo com o seu modo de ser, agir e de se comunicar¹⁴⁴. Deste modo, trata-se do processo de assimilação da mensagem evangélica por uma determinada cultura, que se transforma, se recria e relança esta cultura, constituindo uma força de unificação.

A dicção “inculturação” é recente dentro do vocabulário teológico. O vocábulo foi introduzido nas discussões teológicas por José Masson, SJ, em 1959. Com a 32ª Assembleia Geral dos Jesuítas (1974/75), o conceito foi acolhido nos documentos conclusivo e, em 1977 foi levado ao Sínodo Romano dos Bispos e incluído no documento final. Em 1979, o Papa São João Paulo II recorreu ao termo no número 53 da *Catechesi Tradendae*, embora já se encontrasse presente em declarações episcopais e atas de congressos¹⁴⁵. Contudo, o uso mais

¹⁴³ ANTONIAZZI, Alberto. *A inculturação da fé cristã no Brasil de hoje in V.V.A.A. Desafios da Missão*. Coleção Estudos Missionários. São Paulo, Editora Mundo e Missão, 1995, p. 96.

¹⁴⁴ Cf. ANTONIAZZI, Alberto *apud* AZEVEDO, Marcello, 1995, p. 96.

¹⁴⁵ Cf. EICHER, Peter (dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo, Ed. Paulus, 1993. Verbete: Inculturação, p. 395.

significativo do termo se deu em Santo Domingo, na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em 1992, onde uma das propostas foi exatamente a inculturação do Evangelho¹⁴⁶.

Segundo os Bispos, em Santo Domingo, a cultura nasce com o “mandato inicial de Deus aos seres humanos: crescer e multiplicar-se, encher à terra e submetê-la (Gn 1, 28-30)” (DSD 228). A constituição pastoral *Gaudium et Spes*, definiu a cultura como sendo “todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo” (GS 53). Assim, cultura se refere a manifestações concretas, através de atitudes básicas que expressam os valores contidos na família, na vida, na sociedade, na religião. Entendida desta forma, ela abrange a totalidade da vida de um povo, seu conjunto de valores e desvalores, bem como os meios que usam para expressá-los.

A cultura como jeito particular e projeto de vida de um povo remete sempre à especificidade de um conjunto de comportamentos consecutivos para a construção da identidade. Se a cultura codifica a vida particular e integral dos grupos sociais, o ponto de partida para a evangelização é, necessariamente, a vida particular e integral destes grupos¹⁴⁷.

Partindo da integralidade dos grupos, se busca um discernimento evangélico acerca dos valores culturais de cada grupo, visando encarnar a mensagem do Evangelho e a práxis da Igreja. O Papa São João Paulo II afirma que, “pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade” (RMi 52). Ou seja, acontece uma renovação da cultura a partir de dentro, incorporando valores, que por vezes se encontram ausentes e, nos que já se fazem presentes, descobrir o caráter cristão que há neles.

Diante da crise cultural, em que se vai perdendo os valores evangélicos, a Igreja se vê diante do desafio de uma nova evangelização. Em Santo Domingo, os Bispos lembraram que:

É necessário inculturar o Evangelho à luz de três grandes mistérios da salvação: a Natividade, que mostra que o caminho da Encarnação move o evangelizador a partilhar sua vida com o evangelizando; a Páscoa, que conduz através do sofrimento à purificação dos pecados, para que sejam redimidos; e Pentecostes, que pela força do Espírito possibilita a todos entender, na sua própria língua, as maravilhas de Deus (DSD 230).

¹⁴⁶ Cf. ANTONIAZZI, Alberto. 1995, p. 106.

¹⁴⁷ SUESS, P. 2007, p. 152.

Ao atualizar estes mistérios centrais da fé na vida e na cultura de cada povo, a Igreja se enriquece com novas expressões, que manifestam o mistério de Cristo. Fazendo uma experiência pascal, a comunidade se vê renascida e transformada culturalmente, onde o Evangelho deixa ser um mero dado cultural e se torna o *ethos* que conduz a vida ética e moral dos grupos. Evangelizar a cultura é inculturar o Evangelho, fazendo com que os indivíduos redescubram a dignidade humana e busquem construir juntos, uma sociedade mais fraterna e justa.

Assim, pode-se dizer que uma missão inculturada é aquela que é capaz de transformar a cultura de um povo a partir de dentro, em um movimento *ad intra*. Com um agir pautado sempre no Evangelho, no centro de toda evangelização está a pessoa de Jesus, sua Encarnação, Morte e Ressurreição, e a pessoa do Espírito Santo que, como em Pentecostes, age e capacita o missionário para traduzir e inserir os valores cristãos dentro de uma determinada cultura.

2. Uma Redescoberta Vocacional-Querigmática

A transmissão e a criação de cultura, se apresenta como expressão de serviço a pessoa humana e a sociedade, sendo um bem comum de cada povo, testemunhando o percurso histórica de cada nação. Assim, evangelizar uma cultura e inculturar o Evangelho se torna um meio forte de fazer com que a fé cristã, não seja apenas histórica, mas construtora da história (cf. CfL 44). Construindo uma história baseada no Evangelho e em valores cristãos, se constrói e se estabelece uma comunidade de fé que, pelo comprometimento e pela adesão, se faz cultura (cf. DSD 229).

Uma comunidade cristã construída a partir do anúncio evangélico, se torna capaz de curar, firmar e promover o homem, renovando sua própria dignidade com a novidade do batismo e da vivência segundo o Evangelho (cf. EN 18). O homem assim, se sente impelido pelo amor a Cristo (cf. 2Cor 5, 14) a colaborar com a obra evangelizadora da Igreja, pois vê a necessidade de “uma nova evangelização que proclame inequivocamente o Evangelho da justiça, do amor e da misericórdia” (DSD 13). Isto se dá, lembram os Bispos em Aparecida, “em virtude do Batismo e da Confirmação, [pelo qual] somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo” (DAp 153).

Mediante o Batismo, todo cristão é regenerado como filho de Deus, se torna membro de Cristo, incorporado à Igreja e feito participante de sua missão (cf. C.E.C. § 1213). Uma vez que, “vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor

Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus” (1Cor 6, 11), todos são chamados à santidade (cf. 1Ts 4, 7).

Na atualidade, se faz mister trilhar um caminho de redescoberta do Batismo como vocação, visto que a vocação batismal é a primeira e a principal vocação da pessoa cristã¹⁴⁸. É comum se deparar com situações onde o Batismo é visto apenas como evento social, deixando de lado o seu caráter sacramental e as implicações espirituais e morais que ele porta. Assim, falar de vocação batismal se torna uma verdadeira novidade para um mundo marcado pelo descompromisso. Com o Concílio Vaticano II, afirma Oliveira, se resgatou o significado do Batismo “levando-nos de novo à convicção de que todos somos chamados à santidade”¹⁴⁹.

A vocação batismal pode ser entendida como este chamado que cada pessoa recebe para a realização plena em Cristo. Em outras palavras, é assumir a verdadeira identidade cristã, se tornando servidora do reino de Deus, vivendo em comunhão com a comunidade cristã e com Deus-Trino. Assim, todas as pessoas se tornam vocacionadas à santidade e a perfeição do amor (cf. Ef 1, 4) sendo “discípulo e discípula de Jesus, uma vez que a vocação cristã é, antes de tudo, chamado para o seguimento de Cristo”¹⁵⁰.

Ao redescobrir a vocação batismal, cada cristão caminha em direção da redescoberta da própria missionariedade da Igreja, pois toda vocação é sempre direcionada para a missão. Em relação a este tema, Dom Pedro Casaldáliga se expressa dizendo: “desejaria que todos e cada um de nós pudéssemos visitar, pelo menos em espírito, a própria pia batismal, mergulhar nela a cabeça e redescobrir a missionariedade do próprio batismo. Eu sou batizado? Então devo ser missionário. Se eu não sou missionário, então não sou cristão”¹⁵¹.

Com a perda da identidade cristã e da consciência da vocação batismal, o cristão perde também, a sua missionariedade, pois o Batismo não é vivido na ótica do Batismo de Jesus, que leva a desinstalação e a audácia. Ao reaver a identidade batismal e, conseqüentemente a identidade missionária de cada um, o Batismo se torna expressão do chamado à santidade, revelado na resposta ao apelo divino através da vivência evangélica no cotidiano da vida (cf. LG 39).

Oliveira recorda que a vocação batismal é a porta de entrada para o grande chamamento que Deus faz a toda humanidade¹⁵². O grande chamado que Deus faz aos homens e mulheres

¹⁴⁸ Cf. OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* (Coleção questões fundamentais da fé 8) São Paulo, Ed. Paulus, 2006, p. 10.

¹⁴⁹ OLIVEIRA, 2006, p. 11.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, 2006, p. 17.

¹⁵¹ OLIVEIRA *apud* Dom Pedro Casaldáliga, 2006, p. 22.

¹⁵² Cf. OLIVEIRA, 2006, p. 25.

de todos os tempos é a santidade: “como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo o vosso comportamento, porque está escrito: sede santos, porque eu sou santo” (1Pd 1, 15-16; cf. Lv 19, 2b; Mt 5,48). A partir disto, fica evidente que a santidade está profundamente relacionada com a prática concreta da vida, onde a pessoa se santifica através do compromisso com a sua condição humana e cristã.

O papa Francisco lembra que “todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (GE 14)¹⁵³. A santidade se torna uma prerrogativa para a missão e para testemunho, onde não se é mais possível pensar em missão, “sem a conceber como um caminho de santidade (...) [onde] cada santo é uma missão” (GE 19).

Fruto da ação santificadora do Espírito Santo, a santidade impele o cristão batizado a evangelizar. Sendo uma forma de viver plenamente a caridade, ela “é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a sua” (GE 20). Neste sentido, os Bispos em Aparecida relembram que cada cristão “consciente de sua chamada à santidade em virtude de sua vocação batismal, são os que têm de atuar à maneira de fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus” (DAp 505).

Trilhar um caminho de redescoberta vocacional é recobrar a consciência da vivência batismal de cada cristão e o chamado primeiro à santidade. Os Bispos do Brasil lembram que a santidade do discípulo-missionário é determinante na ação evangelizadora de Igreja. “Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio de seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar outros para o mesmo seguimento” (Sub. 04, 6)¹⁵⁴.

O Catecismo da Igreja ensina que o testemunho ajuda a conduzir as outras pessoas para Deus (cf. C.E.C. §30). Nos relatos bíblicos, especialmente no Livro dos Atos dos Apóstolos, após a pregação querigmática de Pedro (cf. At 2, 14-36), muitos se sentiram tocados pelo testemunho dos Apóstolos e perguntavam o que deviam fazer (cf. At 2, 37). O anúncio do querigma se manifesta não apenas por meio de palavras, mas pelo testemunho dos Apóstolos e pela força do Espírito Santo, produzindo profundas marcas e mudanças na vida de quem o ouve.

¹⁵³ FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*: Exortação Apostólica sobre o Chamado à Santidade no mundo atual. São Paulo, Ed. Paulus, 2018.

¹⁵⁴ CNBB, *Anúncio querigmático e Evangelização fundamental*. (Subsídio Doutrinal 04) 2ed., Brasília, DF, Ed. CNBB, 2017.

Por isto, “como no início da pregação apostólica, hoje, também é necessário dar testemunho do Senhor que toca a vida, a transforma, enchendo-a de alegria e de paz” (Sub. 04, 39).

O testemunho parte da experiência pascal com Cristo, que “suscita o envio de pessoas que reconhecem no Senhor ressuscitado a resposta plena às suas necessidades e ao desejo infinito de vida de seus corações” (Sub. 04, 26). Deste modo evento da Páscoa se torna o ponto central de toda vivência cristã e de toda a pregação da Igreja. Em Aparecida, os Bispos da América Latina e do Caribe, recordaram que “celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários” (DAp 250).

Esta realidade vocacional é marcada pelo primeiro anúncio e pelo encontro com o Senhor. O encontro com Jesus, faz com que haja uma mudança de vida na pessoa, mudança esta que “atinge outras vidas, porque quem descobre essa presença salvadora não a guarda para si. Vai levá-la a outros” (Doc. 107, 13)¹⁵⁵. Partindo da ação de encontrar o Senhor, nasce a fé o testemunho. Como forma de primeiro anúncio, o testemunho abriu caminhos para a adesão à Cristo e ao discipulado. Os bispos do Brasil há muito tempo insistem na urgência do primeiro anúncio e, como eles mesmo chamam, de um segundo primeiro anúncio.

Também hoje é preciso ir até às pessoas, dialogar e, a partir de suas necessidades, apresentar-lhes o primeiro anúncio sobre Jesus Cristo, que seja capaz de lhes fazer arder o coração (Lc 24,32). Muitas vezes, é urgente um “segundo primeiro anúncio” para quem se afastou da fé e da Igreja. Pois, o querigma é aquele anúncio principal, ao qual se tem de voltar continuamente (Doc. 107, 154).

O Papa Francisco também já alertou sobre a necessidade de uma redescoberta querigmática ao afirmar que o primeiro anúncio, o anúncio do querigma:

Ao designar-se como “primeiro” (...) não significa que este se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos (EG 164).

Com isto, se vê que, antes de levar os outros a uma experiência pessoal com Cristo, o discípulo-missionário é aquele que faz a experiência do encontro com o Mestre. Deste encontro, brota a sua vocação e o seu ardor missionário que, fortificado pela ação do Espírito, busca

¹⁵⁵ CNBB. *Iniciação a Vida Cristã: Itinerário para formar Discípulos Missionários*. 2ed. Brasília, Ed. CNBB, 2018 (Documento 107).

anunciar a “Cristo crucificado e ressuscitado, força e sabedoria de Deus (1Cor 1, 23-24), que transforma e salva a vida” (Sub. 04, 25). Dentro deste processo de evangelização é preciso despertar a consciência para a necessidade de um constante renovar evangelizador. O primeiro anúncio, ou anúncio querigmático, não pode ser tratado como uma fase inicial que após determinado tempo é substituído por algo mais sólido. O querigma é fonte de toda experiência e origem de toda vocação cristã. Redescobrir a força renovadora do querigma é redescobrir o sentido e a força da própria vocação cristã, que nasce do encontro e é comunicado ao mundo através do testemunho.

2.1. Um Caminho a Percorrer

Nos escritos neotestamentários, Jesus Cristo se apresenta como sendo “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Durante toda a sua vida na terra, Cristo mostrou como cada pessoa deve caminhar rumo ao Pai, dando o exemplo através de sua própria vida (cf. Jo 13, 15; 1Jo 2, 6). Com base nisto, Galilea afirma que “quanto mais progredirmos na imitação de Cristo, cada vez mais estaremos avançando no caminho de santidade do Reino dos Céus”¹⁵⁶.

O caminho proposto por Cristo é um caminho de pertencimento. É “o movimento de quem está a caminho, que se põe a caminho, que faz o caminho, percorre o caminho de Jesus Cristo” (Doc. 107, p. 12). Com o próprio Mestre, o discípulo aprende a conformar sua vida com a Dele, se revestindo Dele até se tornar tudo em todos. Tal conformidade desperta a pessoa para a missionariedade, pois a beleza do seguimento de Cristo e o seu modo de vida se transforma em uma forma de anúncio. Anunciar a Cristo, diz o Papa Francisco, “significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida do novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG 167). Assim, atraído à Cristo por meio da beleza do seu seguimento, o discípulo, por seu testemunho de vida e pregação da Palavra, se torna iniciador de outros cristãos.

No relato da Samaritana no Evangelho de João, Jesus se apresenta junto ao Poço de Jacó com sede e pede que a mulher lhe desse de beber (cf. Jo 4, 4-7). O Dar de beber, recorda os Bispos do Brasil, “era símbolo de acolhimento. A sede de Jesus é o seu desejo de nos ver seguindo seu caminho” (Doc. 107, 16). Toda a vida de Jesus foi uma indicação do caminho formativo que cada cristão deve trilhar. Este percurso, adaptado as condições próprias da

¹⁵⁶ GALILEA, Segundo. *Discípulos de Cristo*. [Tradução Georges I. Maissiat] São Paulo, Ed. Paulus, 1996, p. 115.

natureza humana, se apresenta de formas diversas, mas todas elas convergem para um único e mesmo ideal: a união e o seguimento de Cristo.

Segundo Galilea, dentre os caminhos apontados por Jesus, três são de capital importância: “estes três caminhos, que de maneira tão árdua quanto privilegiada nos unem a Cristo no seu Reino celestial, são: o caminho do próximo, o caminho da oração e o caminho da cruz”¹⁵⁷.

Dentro do esquema dos mandamentos, o mandamento do amor ocupa o primeiro lugar. Quando interrogado pelos fariseus sobre qual seria o maior mandamento da lei, Jesus responde: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses Dois mandamentos dependem a Lei e os Profetas” (Mt 22, 37-40).

O amor à Deus e ao próximo não é apenas uma intuição presente no cristão que busca viver uma forma de caridade pautada na vivência religiosa. Se trata de um mandamento deixado pelo próprio Cristo, que se torna uma prerrogativa para o discipulado. O próximo, a quem se refere os textos bíblicos, é uma categoria religiosa, diretamente relacionada com Deus e com o caminho que o discípulo deve trilhar.

Ocupa o primeiro lugar o mandamento (não apenas conselho) evangélico do amor ao próximo, afirmado e reiterado pelo próprio Cristo. Para Jesus, é esta a sua exigência principal, a marca de fábrica da identidade cristã: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13, 34-35)¹⁵⁸.

Com as palavras da última ceia, Jesus explícita de modo solene uma exigência que se faz presente desde o início de sua pregação (cf. Mt 5, 38-48; 6, 14-15; 7, 1-5). O amor ao próximo, o amor fraterno se baseia na própria natureza da religião cristã e no mistério de Deus. O motivo pelo qual Deus pede para amar o próximo, é justamente o fato de “Deus nos ama e nos amou primeiro e nos demonstra esse amor enviando Jesus Cristo para se sacrificar por nós”¹⁵⁹.

A capacidade de amar a Deus e ao próximo, recordam os Bispos do Brasil, é o centro da espiritualidade, onde “rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo” (DGAE, 2019-2023, n. 102)¹⁶⁰. Do amor e serviço ao próximo, o discípulo faz uma dupla experiência do encontro com Cristo. O primeiro se dá com a própria pessoa de Cristo, através do anúncio querigmático, do qual brota os aspectos contemplativos da

¹⁵⁷ GALILEA, 1996, p. 115.

¹⁵⁸ GALILEA, 1996, p. 117.

¹⁵⁹ GALILEA, 1996, p. 118 – 119.

¹⁶⁰ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019 – 2023*. 2ed. Brasília, Ed. CNBB, 2019.

vida espiritual, como a oração, a vivência sacramental, a vivência da Palavra de Deus. O segundo encontro se dá por meio do próximo, no qual Jesus se faz misteriosamente presente (cf. Mt 25, 40). Sem esta capacidade de reconhecer a Pessoa do Mestre na vida e na pessoa do próximo, o discípulo-missionário não terá uma espiritualidade cristã sólida. Galilea afirma que “esta dupla maneira de encontrar a Cristo corresponde à dupla dimensão do amor cristão: o amor a Deus acima de tudo, e o amor ao próximo como a nós mesmos (Mc 12, 28-34), do qual dependerão todas as outras exigências cristãs”¹⁶¹.

O segundo caminho proposto é o da oração. É fato testemunhado pelos evangelhos que, em várias ocasiões Jesus se entregava à oração (cf. Mt 26, 36; Mac 1, 22-35; Lc 6, 12). Este gesto marcou profundamente a vida dos discípulos, fazendo com que a vida cristã fosse marcada pela oração. A imagem do Cristo que ora além de ser incentivo para que o homem a pratique, é o máximo modelo de oração e o fundamento, e a justificativa de toda e qualquer oração¹⁶².

Através da oração, lembram os Bispos, “os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão” (DGAE 2019-2023, n. 95). A oração está sempre integrada com a missão apostólica da comunidade cristã e no mundo (cf. DSD 47). Desta integração, surge a importância do zelo que o discípulo-missionário deve ter pela sua vida de oração pessoal, pois, “oração dos discípulos missionários de Jesus Cristo deve ser a expressão da espiritualidade do seu seguimento” (DGAE 2019-2023, n. 96).

Uma grande tentação que o discípulo-missionário é constantemente levado, é pensar que a ideia do agir pastoral já é uma forma de oração, ou que a substituí. “Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação” (DGAE 2019-2023, n. 97). Todo agir missionário, toda ação pastoral realizada deve ser, antes de tudo, conduzida pela oração, sendo aquela um desdobramento desta. Esta preocupação não é fruto apenas deste tempo, mas em Puebla os Bispos da América Latina falavam que “um momento de verdadeira adoração tem mais valor e fruto espiritual do que a mais intensa atividade” (DP, 529). Ao se esquecer do caminho da oração, o discípulo-missionário, além de ver reduzido o impulso para a missão, corre o risco de esquecer a sua dignidade batismal, realizando o seu serviço como um voluntário e não como um sujeito eclesial.

Os relatos evangélicos deixam claro que, aquele que deseja entrar para o discipulado de Cristo, deve segui-Lo e imita-Lo em tudo, inclusive na cruz: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,35). A cruz é parte integrante da

¹⁶¹ GALILEA, 1996, p. 122.

¹⁶² Cf. GALILEA, 1996, p.126.

espiritualidade cristã, não apenas pelo fato de que todo cristão deve carregá-la, mas por carregá-la ao modo de Cristo. Por isso Galilea afirma que, “a espiritualidade cristã não consiste em carregarmos a cruz, mas em imitarmos a Cristo na maneira como ele a carregou”¹⁶³. Cada discípulo-missionário é convocado a passar pelo caminho da cruz, não repetindo formas históricas passadas, mas de levar a bom termo a vivência das cruces cotidianas, incorporando-as “à evangelização missionária de Cristo mediante a fé, a esperança e a caridade”¹⁶⁴.

Cruz e missão são duas realidades inseparáveis, pois a Igreja e os continuadores da missão de Cristo, devem “trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza da obediência, do serviço e da imolação de si até a morte, da qual saiu vencedor por Sua ressurreição” (AG 5). Isto se dá, pois, a cruz é o símbolo e a Epifania do mistério Cristo, fazendo com que, por sua exaltação, a obra redentora e o impulso missionário encontrem nela o seu apogeu¹⁶⁵. Todo cristão encontra na cruz a ressignificação dos seus sofrimentos, que são convertidos em cruces e, às vezes, em martírio, como “complemento” dos sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1, 24). Bifet vai dizer que:

A partir dos sofrimentos convertidos na cruz de Cristo (seu e nosso) se descobre uma nova dimensão da existência, onde, “as fontes da força divina jorram exatamente do seio da fraqueza humana” (SD 27). Por isto se anuncia que “a cruz é como que um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem” (DM 28)¹⁶⁶.

Na ressurreição, se apresenta toda a força da cruz, pela qual “anunciamos Cristo crucificado (...) poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1, 23a.24b). Na humilhação e exaltação de Cristo, comenta São João Paulo II, “aparece descrito o mistério da encarnação e da redenção, como despojamento total de si mesmo (...) Trata-se de um aniquilamento permeado de amor e exprime o amor. Muitas vezes a missão percorre esta mesma estrada, com o seu ponto de chegada aos pés da Cruz” (RMi 88).

Assim, seguindo por estes caminhos, o discípulo-missionário configurará sua vida à de Cristo, participando de sua missão. Tendo, primeiramente, um encontro pessoal com Cristo, experimenta e se abre ao amor de Deus, nascendo assim, o discípulo-missionário, “alguém fascinado pelo amor de Cristo, desejoso de corresponder a este amor e apaixonado por

¹⁶³ GALILEA, 1996, p. 139.

¹⁶⁴ GALILEA, 1996, p. 141.

¹⁶⁵ Cf. BIFET, 2008, p. 488.

¹⁶⁶ “A partir del sufrimiento convertido en cruz de Cristo (suya y nuestra), se descubre una nueva dimensión de la existencia «Los manantiales de la fuerza divina brotan precisamente en medio de la debilidad humana» (SD 27) Por esto se anuncia que «la cruz es como un toque del amor eterno sobre las heridas más profundas de la existencia terrena del hombre» (DM 28)”. BIFET, 2008, p. 489.

transmiti-lo aos outros, incansável no trabalho de sua promoção e anúncio” (Sub. 04, 37). Trilhando os caminhos do Mestre, não teme a cruz, mas a deseja, pois, encontra nela a significação para os seus sofrimentos e a força para superá-los. Fazendo frutificar os dons recebidos em Jesus Cristo, segue renovando vidas e transformando as culturas dos povos, por meio do testemunho e da pregação, e despertando novas vocações missionárias.

3. Formar Discípulos-Missionários

Do encontro pessoal com Jesus nasce o chamado e a necessidade de uma resposta que, embora seja dada de forma pontual em algum momento específico, de ser renovada diariamente, por meio da vivência evangélica. Cristo chama para Si os que Ele quer: “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar”(Mc3, 13-14). Assim, os Discípulos são iniciados em um caminho formativo, aprendendo com o próprio Senhor a viver como Ele, seguindo os seus passos.

Após formar os seus Discípulos, Jesus os constitui Apóstolos (cf. Lc 6, 13). Jesus não os forma apenas como anunciadores da sua Boa Nova, mas também os forma para serem formadores de novos discípulos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem *discípulos*, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, *ensinando-as* a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28, 19-20)¹⁶⁷. Assim como os Apóstolos, a Igreja, vivendo sua missão de evangelizar os povos, as nações e as culturas, é chamada a formar os seus membros, que nela ingressam pela adesão à fé em Cristo e pelo Batismo.

Nos tempos hodiernos, a vocação e o compromisso dos discípulos-missionários requer da Igreja a capacidade de “promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda a parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus” (DAp 14). Todo o processo formativo para o discipulado e, conseqüentemente para a missão, tem sua origem no anúncio querigmático. O Papa Francisco lembra que:

Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano (EG 165).

¹⁶⁷ Grifos do presente autor.

O aprofundamento querigmático, leva a pessoa ao encantamento e ao fascínio pela Pessoa de Jesus, que o atrai e o faz permanecer na experiência de comunhão dos discípulos de Jesus. Por isto, todo o processo formativo deve ter como ponto de partida o encontro pessoal com Jesus. Em Aparecida, os Bispos confirmam esta sentença ao afirmarem que:

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação na vida cristã que comece pelo *querigma* e que, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão (DAp 289).

Com isto, o cristão se aprofunda nos mistérios que crê e celebra, transformando, progressivamente, a sua vida, sendo capacitado para testemunhar e transformar o mundo e a sociedade ao seu redor. Em Santo Domingo, os Bispos já tinham a consciência de que o testemunho do cristão, o encontro pessoal com Cristo e o anúncio confiante do querigma, são elementos que não podem faltar no processo de evangelização e de formação dos novos discípulos de Jesus (cf. DSD 29).

Todo o processo de formação deve passar pelo encontro pessoal com Jesus, pelo anúncio querigmático, pelo testemunho e vivência sacramental, compondo um caminho mistagógico. Este caminho visa a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento a Cristo (cf. DAp 291). Por se tratar de um caminho, pensa-se que logo se chegará a um fim, contudo, no caminho formativo do discípulo-missionário, bem como o de todo cristão, isto não acontece. A formação, vivida como um processo ou como um caminho, iniciado pelo encontro com Cristo é sempre “permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e com serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história” (DAp 279).

Esta formação permanente deve levar o discípulo-missionário sempre mais perfeição da santidade e a vivência da caridade, com o objetivo de “viver e anunciar a fé cristã no coração da civilização em mudança” (Doc. 107, 76). Para se chegar a tal propósito, em Aparecida, os Bispos da América Latina e do Caribe destacaram alguns aspectos fundamentais que o discípulo-missionário deve percorrer no seu caminho formativo. São eles: o encontro pessoal com Jesus; a conversão; o discipulado; a comunhão; e a missão (cf. DAp 278).

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco convidou a todos “a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar

encontrar por Ele” (EG 3). O homem já traz em si o desejo da busca (cf. Jo 1, 38), mas o chamado é sempre feito por Cristo, que olha para o homem e diz: “Segue-me” (Mc 1, 14; Mt 9,9). Com isto, se torna “necessário descobrir o sentido mais profundo da busca, assim como é necessário propiciar o encontro com Cristo” (DAp 278a).

No relato do encontro de Jesus com a samaritana no poço de Jacó (cf. Jo 4, 5-42) nota-se que na vida da mulher começa um processo de transformação, cujo ápice se dá na adesão a Cristo e no testemunho. A partir do encontro, afirma o Papa Francisco, “chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos nosso ser mais verdadeiro” (EG 8). Toda esta novidade transformadora do primeiro encontro é traduzida na mensagem do anúncio querigmático. O Documento de Aparecida afirma que:

Esse encontro deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do *querigma* e pela ação missionária da comunidade. O *querigma* não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o *querigma*, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor (DAp, 278a).

A proclamação querigmática é meio de encontro com a Pessoa de Jesus, pois o seu conteúdo é justamente a salvação que Ele trouxe ao mundo. “O querigma alcança a pessoa como acontecimento de salvação, ilumina-a e transforma a sua vida e o ambiente no qual ela vive” (Sub. 04, 28). Uma vez anunciado, produz frutos de salvação na vida daqueles que o acolhem, se apresentando como um convite à conversão.

A resposta e acolhida do anúncio querigmático se expressam e se comprovam na conversão, que implica, pois, na adesão à pessoa de Jesus Cristo e na disposição de segui-Lo no caminho. A conversão se expressa no arrependimento dos pecados, na aceitação do Batismo, que marca o ingresso na Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, incumbida do anúncio e testemunho do Evangelho (Sub. 04, 58).

A conversão e a resposta inicial dada por aquele que fez o encontro com Jesus e se decide pôr a caminho logo atrás Dele (cf. Lc 9, 23; Mt 16, 24). Os Bispos do Brasil ensinam que, neste processo de acolhida do mistério de Deus anunciado no querigma, “a pessoa precisa ser iniciada, por meio de experiências que a toquem profundamente e a impulsionem à sua conversão” (Doc. 107, 79). O decreto *Ad Gentes* lembra que a conversão deve sempre ser um ponto de partida, pelo qual, o homem afastado do pecado, “Deus o introduz no mistério de Seu amor e o convida à sua íntima amizade em Cristo” (AG 13). Neste caminho de conversão, o

cristão muda a sua forma de ser e de pensar, aceitando a cruz de Cristo, consciente da importância da morte para o pecado, para poder alcançar a Vida Nova.

A partir do momento em que a pessoa toma consciência da necessidade de uma conversão sincera e firme, ela busca amadurecer o seu conhecimento, o amor e o seguimento de Jesus. Isto o leva ao fascínio pela Pessoa do Mestre, buscando se configurar a Ele através da escola do discipulado. Nela, “discípulo assume como norma de conduta o exemplo e o caminho do Mestre” (Sub. 04, 65). Ser discípulo consiste justamente nisto, “viver o permanente esforço e o desafio de assimilar um modo de ser apreendido na escuta e o seguimento do Senhor” (Sub. 04, 65).

O discipulado que Jesus apresenta consiste justamente em tomar a Cruz e segui-Lo (cf. Mc 8, 34). Segundo Panazzolo, a escola discipular de Jesus consiste no “seguimento de uma pessoa, no testemunho, e não possuidores e transmissores de uma doutrina”¹⁶⁸. O convívio com Jesus, muda a vida da pessoa a transformando em testemunho e em missionária.

Todo o discipulado é vivido na comunidade cristã, guiada e auxiliada pelo Espírito Santo. Por isto, “a vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp 156). O discípulo é aquele que participa da vida da comunidade cristã, da vida da Igreja, indo sempre ao encontro do irmão. A exemplo da Comunhão Trinitária, a comunidade vive da comunhão entre os seus membros, formando discípulos-missionários através do anúncio querigmático, promovendo o encontro pessoal com Cristo, que leva a conversão e ao discipulado.

Relacionado ao discipulado está a missão. “A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior a formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação” (DAp 278e). À medida que se conhece e se ama o Mestre, o discípulo sente a necessidade anunciar e testemunhar a experiência vivida com Ele, levando mais pessoas a fazerem a experiência do primeiro encontro. Discipulado e missão são expressão de uma mesma realidade, pois quanto mais apaixonado por Cristo, mais o discípulo o anuncia ao mundo.

Assim, todo caminho formativo busca levar o cristão a assumir e viver a sua vocação de evangelizador. Iniciado na escola discipular, ele busca conformar a sua vida à de Cristo, vivendo como Ele viveu. Chamados por Ele à santidade, nutre a vivência fraterna e a comunhão com comunidade e com a Igreja, a exemplo da Trindade, numa mudança radical de vida. A formação do discípulo-missionário leva em conta toda a sua integralidade, com sua história,

¹⁶⁸ PANAZZOLO, J. 2019, p. 37.

dores, alegrias, sonhos, se tornando presença na comunidade, lugar de encontro e santificação (cf. DGAE 2019-2023, 133).

3.1. Uma Espiritualidade Missionária

Todo este processo de formação, deve estar permeado por uma espiritualidade missionária. Esta expressão foi utilizada a primeira vez no Decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II: “deve também esse Dicastério promover a vocação e a espiritualidade missionária, o zelo e a oração pelas missões” (AG 29). Assim como toda espiritualidade, ela é vida segundo Espírito, que “unifica a igreja na comunhão e no ministério (...) instala no coração dos fiéis o mesmo espírito missionário, pelo qual era movido Cristo” (AG 4).

Existe uma grande relação entre espiritualidade e missão. Panazzolo vai dizer que:

A espiritualidade gera a missão. Não qualquer tipo de missão, mas a missão em Cristo, segundo o desígnio do Pai, no Espírito Santo (cf. EG 19-31). Missão que é vida a serviço e defesa da vida: missão libertadora e transformadora. Para quem abraça essa espiritualidade cristã, vai exigir um estilo de vida consequente, uma nova maneira de viver a cotidianidade¹⁶⁹.

O seguir a Cristo, sempre levará o discípulo a trilhar um caminho de santidade que o impulsionará ao testemunho e, conseqüentemente, à missão. A raiz da espiritualidade missionária se encontra justamente na pertença a Igreja e a Cristo, onde o cristão se deixa conduzir pelo Espírito. Isto é espiritualidade, “é vida segundo o Espírito, segundo Deus, que é amor. É vida que nos inspira e leva-nos a aspirar os “dons do Espírito” (1Cor 14,1)”¹⁷⁰.

O Papa São João Paulo II, lembra que a atividade missionária requer uma espiritualidade própria (cf. RMI 87). A vivência da espiritualidade é fundamental para o testemunho do amor e da Pessoa de Cristo. Ela concede a docilidade ao Espírito, que age na alma e na vida do cristão, gravando em seu ser a Imagem de Cristo, que será refletida no seu testemunho, no seu agir.

Nota essencial da espiritualidade missionária é a comunhão íntima com Cristo: Não é possível compreender e viver a missão, senão referindo-nos a Cristo como aquele que foi enviado para evangelizar. Paulo descreve assim o seu viver: “Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Tido pelo aspecto como homem, humilhou-se a si mesmo, feito obediente até a morte de cruz” (Fl 2,5-8) (RMI 88).

¹⁶⁹ PANAZZOLO, J. 2019, p. 91.

¹⁷⁰ PANAZZOLO, J. 2019, p. 91.

Conhecendo a Cristo mais de perto, o discípulo-missionário busca viver em comunhão íntima com ele, para amá-lo, segui-lo e anunciá-lo. Esta comunhão íntima com Cristo, afirma Bifet, “se trata da generosa disposição para a missão, que é expressada por meio de convicção, decisões e motivações”¹⁷¹.

São Paulo VI, diz que a espiritualidade missionária, nada mais é que “atitudes interiores” (EN 48) iluminadas pelo Evangelho, sem as quais não é possível discernir e enfrentar os problemas missionários atuais. A ação evangelizadora exige uma atitude relacional com Cristo, baseada na Trindade: no Espírito, por Cristo, ao Pai (cf. Ef 2, 18). Deste modo, a dimensão espiritual da missão, está sintonizada ao plano salvífico do Pai, com a relação pessoal com Cristo e com a fidelidade e a ação do Espírito Santo.

Segundo Bifet, o caminho da perfeição espiritual se torna caminho de missão, pois ao testemunhar o mistério de amor de Deus, o cristão se torna anunciador do mesmo¹⁷². Não existe espiritualidade cristã sem um referencial prático, pois o caminho espiritual da perfeição se converge sempre em caminho de serviço à Igreja, apresentada ao mundo como sacramento de salvação (cf. LG 42; AG 1). Segundo Bifet, “com esta espiritualidade missionária, a dicotomia entre vida interior e missão é dissolvida”¹⁷³. Isto ocorre pois, a vivência da espiritualidade se converte em respeito e sensibilidade às situações humanas, sempre à luz do Evangelho.

A partir desta espiritualidade espontaneamente dá origem a um sentimento de comunhão fraterna e de compromisso missionário, a fim de orientar toda a humanidade para a verdade de Cristo e, portanto, para o amor, a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a justiça e a paz,¹⁷⁴.

Deste modo, se percebe que a espiritualidade missionária se refere a uma espiritualidade proveniente da missão, cujo objetivo é a própria missão, seguindo o estilo evangélico de Cristo, que continua na Igreja, sob a ação do Espírito Santo. Vivendo segundo a figura do Bom Pastor (cf. Jo 10,1-21), o discípulo-missionário cultiva uma espiritualidade missionária que o leva sempre ao campo da doação e da entrega de vida. Esta é a finalidade de toda ação formativa da

¹⁷¹ “Se trata propiamente de la disponibilidad generosa para la misión, expressada en convicciones, motivaciones y decisiones” BIFET, 2008, p. 470.

¹⁷² Cf. BIFET, 2008, p. 473.

¹⁷³ “Con esta espiritualidad misionera se disuelve la dicotomía entre vida interior y misión”. BIFET, 2008, p. 473.

¹⁷⁴ “De esta espiritualidad nace espontáneamente el sentido de comunión fraterna y el compromiso misionero, para orientar toda la humanidad hacia la verdad de Cristo y, por tanto, hacia el amor, la solidaridad, la libertad la igualdad, la justicia y la paz.”. BIFET,2008, p. 473.

Igreja, forma discípulos capazes de se entregar a uma espiritualidade que os impulse sempre mais para missão e nela encontrem o sentido do seu ser e de sua vocação.

CONCLUSÃO

Tendo como ponto de partida à Sagrada Escritura, o presente trabalho buscou fazer uma reflexão sobre a missão, apresentando alguns pontos importantes para a formação dos discípulos-missionários. A formação dos discípulos-missionários é de suma importância, pois somente através de uma formação total e integral, ele será capaz de responder à vocação a qual foi chamado. Ao longo dos últimos decênios, principalmente a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja tem compreendido e buscado meios para formar seus membros, dando-lhes todo instrumento necessário.

Nos escritos veterotestamentários, se observa que Deus sempre chama e envia os seus mensageiros, envolvendo a missão em uma esfera escatológica-profética. Embora no Antigo Testamento não se encontre o termo missão, como é entendido hoje, o termo *saliah* é recorrente usado, no sentido de enviar/mandar. No contexto religioso, o verbo está atrelado a pessoa enviada por Deus para realizar uma tarefa específica. Conjugado a ele, aparece a Palavra (*dabar*) e a ação do Espírito (*ruah*). Assim, o enviado é auxiliado pelo Espírito no anúncio da Palavra, no cumprimento da sua missão.

Do mesmo modo que Israel sempre foi o Povo Escolhido, o missionário surge dentro do ideal de eleição. Vivendo o ideal de eleição, expressado pelo verbo *bâhar*, o Povo de Deus formou sua identidade religiosa e de Nação, fazendo sempre a experiência da misericórdia de Deus. No contexto religioso de Israel, o *bâhar* se caracteriza pela escolha cuidadosa de uma pessoa para um fim, uma missão específica. Com isto, o ideal de eleição, além de colocar a pessoa do eleito em uma relação íntima com aquele que o elege, indica a missão que ele deve realizar no meio, não apenas do povo, mas das nações vizinhas.

Passando para os escritos neotestamentários, a missão nunca se fez ausente. Os cristãos sempre recorreram a *missio Dei* para fundamentar a sua atividade missionária, ou seja, o fundamento se encontra na iniciativa gratuita de Deus para salvar o homem do pecado, o chamando de volta a comunhão com Ele. Ainda que se possa pensar em uma ruptura, em relação à missão entre Antigo e Novo Testamento, o que se passa é o contrário. Entre ambos os Testamentos há uma linha de continuidade. O que foi predito pelos Profetas e Mensageiros no passado, encontra a sua realização e a sua plenitude na Pessoa de Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado e o Messias esperado. Todo o conjunto de escritos neotestamentários, apresentam a ação missionária de Cristo e da Igreja, pela qual, as ideias de *saliah*, *dabar*, *ruah* e *bâhar* se fazem presente de modo mais profundo, pois remetem a Cristo. Os Evangelhos e os demais

livros mostram a ação de Jesus Cristo que, impelido pelo Espírito Santo, revela a figura de Deus como Pai e comunica o seu amor e a sua salvação a todos os homens.

A origem da missão de Cristo e, conseqüentemente, a missão da Igreja e de cada cristão, se encontra na Trindade Santa. Com a distinção dos termos *theologia* e *oikonomia*, feita pelos Padres da Igreja, fica claro os movimentos trinitários *ad intra* e *ad extra*. O primeiro, relacionado com a *theologia*, diz respeito ao movimento interno existente no seio da Trindade, marcado pelas relações de processões. O segundo, ligado a *oikonomia*, reflete o movimento externo, pelo qual o Deus Trino se manifesta e se comunica através de suas obras. Por meio deste, a Trindade se faz presente na história humana, onde cada Pessoa da Trindade desempenham uma missão específica, ajudando a humanidade a chegar ao seu fim último.

Do movimento *ad extra* surge a *missio Dei*, por iniciativa gratuita de Deus, manifestando o seu amor incondicional. Ela sempre vai apontar para a presença de Deus no mundo, por meio do *Logos* e do *Pneuma*. Assim, pela *missio Dei*, o Pai, que nunca é enviado envia o Filho e, juntamente com Ele, envia o Espírito Santo. Por meio do envio em missão de cada Pessoa, toda a Trindade se presente em cada ação, de forma integral, ou seja, se é o Pai que tem a missão de criar e sustentar a criação, toda a Trindade se faz presente no ato criacional, se é missão do Filho redimir todas as coisas criadas, é a Trindade quem redime por meio Dele, se é missão do Espírito Santo santificar e guiar a Igreja, é toda Trindade de que santifica e que guia.

Com a ascensão de Cristo aos céus, Ele confia a continuação da sua missão aos Apóstolos e, conseqüentemente à Igreja, assistidos pelo Espírito Santo. Nascendo da ação missionária de Cristo, a Igreja fundamenta a sua missão na Trindade. Os Padres conciliares lembram que a Igreja é missionária por natureza (cf. AG 2), pois sua missão se origina na participação na vida divina, não sendo fruto de um evento histórico. A Igreja nasce da missão, sendo esta parte constitutiva de sua essência, não fazendo apenas uma ação da Igreja, mas uma Igreja em ação, cuja primeira missão é evangelizar.

Por meio da ação evangelizadora da Igreja, a pessoa humana é levada ao conhecimento da Pessoa de Cristo, fazendo, assim como os Apóstolos, a experiência do primeiro encontro com o Mestre. Deste primeiro encontro, nasce o encantamento e o apaixonar-se por Jesus Cristo e, assim, o discipulado. Ser discípulo-missionário consiste em escutar a voz do Mestre, fazer a experiência de encontrá-lo e permanecer com Ele, onde, criando um vínculo de intimidade, participa da vida do Mestre, sendo formado para assumir seu estilo de vida e missão.

Diante da sociedade hodierna, as várias situações, seja pessoal como global, o surgimento de várias ideologias e formas de pensamento que visam a degeneração da pessoa humana e a sua fragmentação, se faz mister um caminho de preparação e de formação para aqueles que se

dedicam ao anúncio da Boa Nova. Esta formação deve acontecer de forma integral, a partir de um caminho querigmático, onde o discípulo-missionário é levado a formar sua identidade, através das dimensões humana, comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária.

A base da formação discipular-missionária deve sempre ser o querigma, pois mesmo que se trate do primeiro anúncio, ele é o principal na formação do discípulo, pois sempre deve retornar a ele, buscando novos meios para ouvi-lo e anunciá-lo. O Papa Francisco afirma a necessidade deste retorno ao primeiro anúncio, pois ele “deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento” (EG 160). A formação do discípulo-missionário deve levá-lo sempre a um redescobrimento da própria vocação batismal e do chamado universal à santidade. É através da santidade que o testemunho adquire mais força e se cria consonância entre o exemplo de vida e o anúncio da Palavra. Com o Batismo, o cristão não se torna apenas membro da Igreja, Corpo Místico de Cristo, mas também missionário, entrando para a escola discipular.

Os relatos evangélicos mostram que Jesus “fez” os discípulos (cf. Mc 3, 13-15; Mt 10, 1-16), os iniciando em uma escola formativa, cujo caminho pedagógico é a subida para Jerusalém. Este caminho, pautado no amor ao próximo, na vida de oração e na cruz, se inicia com o encontro com o Mestre que chama para Si os que Ele quer (cf. Mc 3, 13). Todo este caminho, implica a renúncia do próprio eu pessoal: “Se alguém que vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24).

Seguindo o exemplo de Cristo, que chamou e formou os seus Discípulos, a Igreja também chama e forma os seus membros na escola discipular de Cristo. O caminho que ela trilha é o mesmo do Mestre, um caminho de doação e renúncia, fazendo com o discípulo alcance cada dia a estatura do Mestre. Cumprindo o mandato do Senhor, de ensinar a observar tudo o que Ele ensinou (cf. Mt 28, 20), a Igreja não apenas forma discípulos, mas também formadores de outros discípulos. Cada discípulo é um formador dentro da comunidade eclesial.

Assim, toda a formação que o discípulo recebe na comunidade cristã, deve ser marcada por estes dois pontos centrais: o anúncio querigmático e a experiência do encontro pessoal com Jesus. Isto, não é apenas a base, mas o fundamento de toda a sua formação cristã, que o prepara para a missão, uma vez que encontrando o Tesouro Maior (cf. Mt 13, 44), Jesus Cristo, deixa tudo para segui-Lo e anunciá-Lo ao mundo. Formar homens e mulheres, segundo o Coração de Deus, eis a finalidade de toda a ação evangelizadora da Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ad Gentes: Decreto sobre a Atividade Missionaria da Igreja in *COMPÊNDIO DO VATICANO II*: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

AGOSTINHO. *A Trindade*: Coleção Patrística Vol. VII. São Paulo, Ed. Paulus, 1995.

AMALADOSS, M. *A missão como Profecia in V.V.A.A. Desafios da Missão*. Coleção Estudos Missionários. São Paulo, Editora Mundo e Missão, 1995, p. 09 – 29.

ANTONIAZZI, Alberto. *A inculturação da fé cristã no Brasil de hoje in V.V.A.A. Desafios da Missão*. Coleção Estudos Missionários. São Paulo, Editora Mundo e Missão, 1995, p. 95 – 118.

BENTO XV, Papa. *Maximum Illud*: Sobre a Atividade desenvolvida pelos Missionários no Mundo. Brasília, Ed. CNBB, 2018.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 8ed., São Paulo, Paulus, 2012.

BIFET, Juan Esquerda. *Misionología*: Evangelizar en un mundo global. Serie de Manuales de Teología. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

BRADANINI, Sérgio. *Fundamentos Bíblicos da Missão*. Curso Básico de Missiologia. 2017. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/2nucleo.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ed. Edições Loyola, São Paulo, 2009.

CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*: Conclusões da Conferência de Puebla. 2ed., Ed. Paulinas, São Paulo, 1979.

_____. *Santo Domingo*: Conclusões da IV Conferência geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

CNBB, *Anúncio querigmático e Evangelização fundamental*. (Subsídio Doutrinal 04) 2ed., Brasília, Ed. CNBB, 2017.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2008 – 2010. Brasília, Ed. CNBB, 2007.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*: 2019 – 2023. 2ed. Brasília, Ed. CNBB, 2019.

_____. *Igreja*: Comunhão e Missão na Evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura. 10ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2004 (Documento 40).

_____. *Iniciação a Vida Cristã: Itinerário para formar Discípulos Missionários*. 2ed. Brasília, Ed. CNBB, 2018 (Documento 107).

COMBLIN, J. *A Profecia na Igreja*. São Paulo, Ed. Paulus, 2008.

_____. *Jesus, o enviado do Pai* [Livro Eletrônico] 1ed., São Paulo, Ed. Paulus, 2009.

_____. *Teologia da Missão*. 2ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo II: Ele é o Senhor e dá a vida*. [Tradução Euclides Martins Balancin] 2.ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 2010.

COPPI, P. *Por uma Igreja toda Missionária: Breve curso de Missiologia*. São Paulo, Ed. Paulus, 1994.

COUTO, A. *Fundamentação bíblica da missão in Actas do Simpósio sobre a Missionação*, Lisboa, Ed. OMP, 2004.

Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina in COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

EICHER, Peter (dir.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo, Ed. Paulus, 1993. Verbete: Evangelho/Lei p. 280 – 288.

_____. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo, Ed. Paulus, 1993. Verbete: Inculturação, p. 394 – 400.

FONSECA, Adolfo M. Castaño. *Discipulado e Missão no Evangelho de Mateus*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo, Ed. Loyola,, 2013.

_____. *Gaudete et Exultate: Exortação Apostólica sobre o Chamado a Santidade no mundo atual*. São Paulo, Ed. Paulus, 2018.

GALILEA, Segundo. *Discípulos de Cristo*. [Tradução Georges I. Maissiat] São Paulo, Ed. Paulus, 1996.

Gaudium et Spes: Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de Hoje in COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. Edições Vida Nova, 1983. Verbete: εὐαγγέλιον, p. 87.

JOÃO PAULO II, Papa. *A “recapitulação” de todas as coisas em Cristo: audiência geral de 14 de fevereiro de 2001*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010214.html. Acessado em 14 de setembro de 2021.

_____. *Christifideles Laici*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. São Paulo, Edições Loyola, 1989.

_____. *Discurso ao Clero de Roma: 01 de março de 1990*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1990/march/documents/hf_jp-ii_spe_19900301_clero-roma.html. Acessado em 27 de setembro de 2021.

_____. *Dominum et Vivificantem*: Carta Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja. São Paulo, Ed. Paulinas, 1986.

_____. *Redemptoris Mater*: Carta Encíclica sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.

_____. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. Coleção Documentos Pontifícios 239. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

LADARIA, L. F. *O Deus Vivo e Verdadeiro: o mistério da Trindade*. 4ed. São Paulo, Edições Loyola, 2015.

LOPEZ-GAY, J. *Dimensão Trinitária, Cristológica e Pneumatológica da Missão in OBRAS PONTIFÍCIAS MISSIONÁRIAS. Temas de Evangelização: Curso de Missionologia – 1.º Ano*. Braga, Portugal, Ed. OPM, 1979.

Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja in *COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações*. 29.ed. Frei Frederico Vier, OFM (Coord.). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

MARTÍNEZ A., Hugo O. *O Discipulado no Evangelho de Marcos*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* (Coleção questões fundamentais da fé 8) São Paulo, Ed. Paulus, 2006.

PANAZZOLO, J. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. [Livro Eletrônico] 1ed., São Paulo, Ed. Paulus, 2019.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*: Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 6ed., São Paulo, Edições Loyola, 1976.

RETAMALES, Santiago Silva. *Discípulos de Jesus e Discipulado segundo a obra de São Lucas*. Coleção Quinta Conferência: Bíblia. São Paulo, Ed. Paulus, 2005.

SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos: primeira parte*. Tradução Frei Edmundo Binder, OFM. 2ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1983.

SENIOR, D.; STUHLMUELLER, C. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. São Paulo, Paulinas, 1987.

SUESS, P. *Introdução à Teologia da Missão: Convocar e Enviar: Servos e Testemunhas do Reino*. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

